

ARCHIVO

O nosso distincto collaborador e consocio, o eminente litterato portuguez, Joaquim de Araújo acaba de enriquecer a nossa bibliotheca com mais alguns dos seus primorosos livros. É a terceira remessa que nos faz o festejado poeta das *Flôres da noite*, cuja sympathia pela Pátria Espiritual muito nos lizongeia e estimula, pois da-nos a certeza de que na Europa também ha quem applauda os nossos esforços em prol das letras e do engrandecimento de nossa terra.

De Joaquim de Araújo já tínhamos as *Flôres da noite*, *Luiz de Camões*, *Na morte de Antheus*, e *Zara*, (versos). *Acerca dos versos de João de Deus*, *Camillo Castello Branco e Sá de Miranda* (prosa), e as duas magnificas revista *Nova Alcorada* e *Revista Portuguesa*. Agora acabamos de receber as seguintes obras para as quaes nos faltam expressões bastantes que possam significar ao illustrado publicista o nosso agradecimento:

A *Estatua do poeta*, uma vibrante e inspirada ode escripta expressamente para servir de auxilio á commissão que em 1890 promovia a erecção de um monumento a Camões, na capital portugueza. Rendendo tão generosa homenagem ao maior dos poetas portuguezes Joaquim de Araújo sentiu-se inspirado e compoz versos de uma beleza intocomparavel.

Cancão do berço, uma bellissima romanza enfeixada num mimoso voluminho de poucas paginas, onde o poeta revive toda a harmonia e toda a doçura da antiga xacara portugueza.

Nossa Senhora vem na sua jumen tina trazendo ao collo o ternô filho amado. Ao passar por um campo onde os semeadores mourejam ao sol pergunta-lhes o que estão a semear:

Que andaes semeando, nesse solo amigo?
Nós, Senhora Nossa, semeamos trigo!

E a virgem seguia todo risonha no seu véo de graças fazendo votos para que o trigo nascesse.

Mais adiante Nossa Senhora encontra novos semeadores,

Levantando os olhos do seu doce abrigo:
Que andaes semeando, nesse solo amigo?

— Uma voz responde, sacodida e breve:
— Semeamos pedras, que é officio leve.

A virgem ao receber tã rude e quão brutal resposta seguiu chorosa e cheia de tristeza até desaparecer ao longe...

Mas no outro dia, — bem a quiza sorte!
Fora o chão tocado pela maldade Morte...

«Tudo pedregulho, — desolada magua!»
Olivares mirrados: nem um veio d'agua»

«E o primeiro campo num trigal florido,
Repentinamente, fora convertido,

Mal vinha rompendo no horizonte aurora
Foi Nossa Senhora! foi Nossa Senhora

E desta encantadora lenda o delicado poeta fez uma obra prima.

Luigi de Camões, traducção italiana do primoroso poema *Luiz de Camões* cujo original já possiamos.

A versão foi feita pelo poeta italiano

G. Zuppone-Strani e luxuosamente editado em Genova, ultimamente.

Agora só nos falta registrar uma pequena brochura que enfeixa um adoravel conto e que nós consideramos o mimo mais valioso dentro as obras que nos rematou Joaquim de Araújo.

Intitula-se *A Ideia do bebê*, e para que os leitores calculen o valor do pequeno opusculo vamos transcrever os topicos da carta que o distincto poeta nos enviou, referentes ao mimoso conto e aos tres livros de que nos occupamos.

«Envio á Padaria a traducção italiana do meu *Luiz de Camões*, que acaba de publicar-se, a *Estatua do Poeta*, a *Cancão do berço* que também acaba de vir a luz, e a *Ideia do bebê*.

Com relação a esta ultima composição, direi a V. que a tiragem foi de 36 exemplares, destinados a um brinde: por acaso ficaram-me dois exemplares de provas typographicas, e é um desses o que lhe envio. Um pedidinho, porém tenho a fazer-lhe é que não transcreva nem deixe transcrever esse conto, que eu gostaria de que, na sua forma definitiva, ficasse apenas dentro do folheto.

No entanto, ser-me-ia agradavel que o vosso *Pão* registrasse a publicação da pequenina brochura, accentuando a tiragem de 36 exemplares para eu não receber pedidos a que não possa satisfazer.

Da *Cancão do berço*, também a edição foi muitissimo pequena, aponto de nem ás pessoas da minha familia — atodas — poder mandar exemplares.

E aqui está por que nós consideramos a *Ideia do bebê* um presente de tanto valor não só pelo cunho litterario como pela sua raridade.

Só sentimos uma coisa: ter Joaquim de Araújo nos prohibido de offerecer a as gentis leitores d'OPão

S. B.

O canto do sabiá (*)

(Lenda cearense)

A ANTONIO BEZERRA

*Ella, a gentil moreninha,
ardia em louco desejo
pelo moço sertanejo
que a saudava, á tardinha
e fitava embevecido
ella, a gentil moreninha.*

*Era pobre o moço amado!
Embora rico de affecto,
de nobre e formoso aspecto
galanteador, requestado,
fôra afinal repellido...
Era pobre o moço amado!*

*Pobre!... a pobreza entameia:
Ser pobre é negro delicto!
Como um miserio precito,
o mundo repelle e odeia
quem tem por dote a pobreza...
Pobre!... a pobreza entameia!*

*Embora! A linda serrana,
a casta flor perfumada,
que desbrochava cerrada,
pela opulencia mundana,
amara o altivo mancebo,
embora, a linda serrana.*

*Do amor a cicida chamma
lavava fundo em seu peito;
coidando o patrio preceito,
cala os mais quer, mais amu,
que não mede precipicio
do amor a cicida chamma.*

*Jamais lograram juntar-se
os desditosos amantes;
em termos ais argujantes,
ella cior a lamentar-se...
Ah! peitos que tanto amaram
jamais lograram juntar-se!*

*Definhava, coitadinha!
a triste morena e linda;
mattaca-a uma dor maldada
que nenhum consolo tinha...
E a pensar nesse infarturio,
definhava, coitadinha!*

*E assim finou-se... Pensando
naquelle anheio suave,
vin-se e cou como a ave
remonta ás nuvens, cantando
saudades que em terra deixou
E assim finou-se, pensando...*

*Pousada na cruz da ermida,
que se ergue em frente á casinha,
vin-se então uma acozinha
cantando endecha sentida...
Que cantar magnado o do aco
pousada na cruz da ermida!*

*Era a voz da virgem morta!...
Assim seus ais doloridos
e os seus plangentes gemidos
doiam, gemiam lá.*

*Eis como a natureza deu-nos
o canto do sabiá.*

Coarã — 1889

C. BRUNETTO.

(*) Estes versos foram-me inspirados pela seguinte lenda que encontrei no curiosissimo livro de Antonio Bezerra, *Notas de viagem*, publicado no Coarã, em 1889.

« Não posso esquecer, diz o illustrado excursionista cearense, a agradável impressão que me causava a presença de uma sabiá da praia (*turdus leucotis*), que pousada no topo da cruz da igreja, vinha pela manhã e ao pôr do sol quebrar o silencio daquelle retiro com a melodia do seu canto.

« Que saudades naquellas notas queixosas!

« Interpretou-as perfeitamente o sábio naturalista Theodoro Boscourtiz na sua *Ornithologia brasileira*, quando narrando a historia dos passaros do Brazil, escrevia a respeito deste:

La nature semble mettre alors une sorte de harmonie entre le chant mélancolique de cet oiseau et le déclin du jour: il devient plus agréable, plus touchant après ces heures d'épouvante, et lorsque la terre humide exhale ses parfums que ne saurait être le bruyant ramage des musiciens des champs à l'aspect d'un soleil sans nuages.

Referia-me assim uma velha, minha lavadeira, a causa dos queixumes da terra avessinha:

— Ha muitos annos uma moça muito formosa enamora-se de um excellentissimo rapaz, que por ser extremamente pobre, oppuzeram-se os paes ao casamento.

Appareceram empenhos, mas os velhos cada vez se mostravam mais obstinados.

Elle quiz rapta-la; ella, porém, recusou-se ao seu desiglo, como boa filha que era. Adoeceu, e sentindo-se definhando, hucava a Igreja, onde levava horas esquecidas em profundo recolhimento.

Aggravou-se mais e mais o seu mal até que um dia, ao cair da tarde, pediu ella que lhe abrissem a porta que doitava para a frente da Igreja. Satisfez-se-lhe a vontade. Encolou um sorriso, e a' luz se- gundo, após a luz brilhante que oncheu toda a sala, viu-se que alguma coisa em vôo rapido se escapara pela porta.

Voltaram-se immediatamente as pessoas presentes o então aperceberam uma sabiá no alto da cruz, modulando uma queixa tão terna, tão sentida, tão lamentosa, que tornava mais tristonha a hora do crepúsculo.

A moça já havia expirado. Daquelle dia em diante, pela manhã e á tarde, a pobrezinha vem em notas plangentes relombrar a historia do seu infatual.

Esta singela e poetica historia poderia bem inspirar um poema, quanto mais os pallidos e desproportionados versos em que reproduzi as minhas impressões após a leitura da tocante narrativa. Por natural estimulo, offereci-os ao autor do interessante livro a que me referi já, livro em que a indole poetica o o espirito culto de Antonio Beserra traçou paginas admiráveis.

C. B.

Ante um quadro

AO RODOLPHO THEOPHILO

As mãos erguidas para o céu levanta
Em beatifica união religiosa;
Te sens labios a prece sacro-santa
Sob o do céu á esphera luminosa...

Não sei que graça simpllice o bondosa
Quem a contempla experimenta-tanta,
Que nos suggere a Mater-Dolorosa
Essa imagem priissima da santa.

Prece? suspiro do intimo arrancado?
O que palra em seu labio? o anelado
Ideal da Carne, que alma humana agita?

Tudo resume a mystica figura...
A crença nella com certeza habita,
K nella o amor habita por ventura!...

86

LOPES FILHO

(Das Procellas)

CAPTEIRA

«CHROMOS»

Este livro do nosso inolvidavel Xavier de Castro, o idolatrado companheiro cuja perda nunca lamentaremos bastante, acaba de ser posto á venda e distribuido pelos assignantes.

Dirigiu os trabalhos da edição o nosso chefe José Carlos Junior, que não poupou esforços para que os *Chromos* tivessem o extraordinario successo que tiveram, esgotando-se em tres ou quatro dias toda a edição e tornando-se por isto necessario tirar uma segunda, que já está começada. Este facto, virgum em nossa terra e rarissimo em qualquer outra parte do Brasil, denota claramente a extrema sympathia e popularidades do que gozava Xavier de Castro.

E nem assim podia deixar de ser quando o autor dos *Chromos* era um poeta essencialmente popular, tendo como fonte predilecta de inspiração a vida do grande publico em todos os seus departamentos sociais—vida tão rica de episodios interessantes e curiosas scenas que a sua pennu simples e honesta trasladava com uma graciosa e impressionante fidelidade para os seus versos.

Ulavo Bilac, um dos nossos maiores poetas, dizia há pouco que Juvenal Galeno é o unico poeta verdadeiramente popular do Brazil.

Quando tal disse Bilac, dizia a verdade; hoje, porém, com a publicação dos *Chromos* temos certeza de que o nosso glorioso Juvenal tora em Xavier de Castro um emulo digno de fama igual a sua.

Entregando os *Chromos* ao publico, a Padaria nutre a convicção de que prestou um real serviço as letras cearense e espura confiante que as palmas do triumpho virão ornar a sepultura ainda fresca de Xavier de Castro.

«D. QUIXOTE»

Temos hoje que accusar a recepção dos nos 28 e 29 da brilhante revista de Agostini.

O primeiro occupa-se da politica nas duas paginas externas, e nas duas internas traz os retratos de Ermete Novelli e Alberto Nepomuceno, artisticamente emolduradas de accessorios symbolicos da arte que cada um cultiva.

Pena é que entre os dois grandes artistas appareça a figura do Frégoli, embora em ponto pequeno e com feição caricata.

O no 29 occupa-se todo de politica e com aquella graça irresistivel e finamente ironica que distingue as creações do glorioso lapis do Agostini.

CLUB CEARENSE

Com um brilhantismo pouco commum festejou este distincto Club no dia 7 do corrente com um luxuoso baile o 28.º anniversario da sua fundação. Embora um tanto retardatorios não podemos deixar de noticiar a deliciosa festa do Cearense, sancionando o que deíl-dis e a imprensa diaria.

A nova Directoria da sympathica sociedade não poupou esforços para dar-lhe a maior solemnidade possivel, de sorte que a concorrência foi enorme e as casacas estiveram na ordem... da noite. Tanto o salão terreo como o superior foram cuidadosamente ornados de flores naturaes e entrelaçados de ban-

deiras e palmas variadas. E toda a noite fuso de cores e perfumes dava ao Club, que regoitava de gente amavelmente um ar phantastico do palacio de fada. Não ha em nosso limitado vocabulario adjectivos possiveis que possam traduzir a inolvidavel impressão que nos deixou tão deliciosa festa, portanto não nos cumpre agradecer—não só o convite com que fomos distinguidos como o modo do fidalgo com que foram acolhidos pela Directoria todos os que tiveram a aventura de assistir festa do Cearense. Ao coronel Felino Barroso, digno presidente do Club, damos sinceros parabéns pelo extraordinario triumpho alcançado no dia 7 de Setembro.

COLLABORAÇÃO

O ultimo vapor trouxe-nos uma deliciosa surpresa para a qual concorreu, no papel de victima, o nosso prezadissimo consocio em S. Paulo, Dr. Garcia Redondo.

O illustre autor das *Caricinas* havia escripto no album de C. Burnetto uns mimosos versos que este se apressou em remetter-nos sem sciencia do autor.

Devido aeste louvavel abuso de confiança é que podemos mimosear os nossos leitores com a encantadora *Seguidilha* que hoje publicamos.

Uma outra surpresa agradável é o formoso *Canto do anão*, que também publicamos hoje, da lavra do adoravel traidor, cujo verdadeiro nome estamos aqui si não temesemos desgostar ao nosso querido amigo Bellarmino Carneiro que tem particular interesse em que não seja destrinchada esta meada...

Si não fosse isto, ficaria o publico sabendo quem é esse C. Burnetto que para nos ser agradável não vacilla em atirar á publicidade os versos confiadamente escriptos em seu album por Garcia Redondo.

Emfim... elles são brancos e lá se entendam.

AS NOSSAS SESSÕES

Duas sessões e das mais interessantes da nossa associação temos que registrar—uma realisada no dia 30 de Agosto findo em casa de Moacyr Jurema e outra no dia 8 do corrente em casa de Bruno Jacy, em Porangaba.

Na primeira, que teve uma brilhante assistencia de senhoras e cavalheiros extranhos á Padaria entre os quaes se contavam os illustres academicos de Guilherme Studart e Justiniano de Serpa, foram lidos excellentes trabalhos em prosa e em verso dos quaes a falta de espaço não nos permite fazer enumeração.

A segunda, que foi ao mesmo tempo uma deliciosa festa de campo, Moacyr Jurema a descreve pelo miúdo em sua chronica de hoje e não á e pallida seria qualquer coisa que sobre ella dissessemos mais.

Limitaremos-nos portanto a registrar a apresentação dos *Chromos*, dos quaes já nos occupamos acima, e dos autographos do livro *Vagas da Sabino Baptista*.

A proxima sessão se realisará no dia 18 do corrente, em casa de José Nava.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito:—Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarras de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exacerbações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tónico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescências.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiartadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alveção e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo 80, Cedra.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

E carrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algebeira, inglezes, americanos, suissos etc. etc. **Relogios** para paredes e bancas, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). **Objectos** para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & Co

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avantajase pela esmerada escolha dos seus artigos os quizes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam na **AGUIAR**.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 16.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1.º de Outubro de 1895.

NUM. 25

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMARIO.—Os quinze dias, Moacyr Jurema;—Juvenal Galeno, A Redacção;—A' Padaria Espiritual, Juvenal Galeno;—A Encruzilhada, Bruno Jacy;—Em voz baixa, Raymundo Corrêa;—Cartas Litterarias, Rodolpho Theophilus;—A Sogra, Padre Corrêa do Almeida;—Bibliographia M. J.;—Problema, Sabino Baptista;—No sertão, Privoli;—No Catacanto;—Marinha, Antonio de Castro;—Imprensa Litteraria, A. S.;—A Luzente, Gil Navarra;—Carteira.

Os quinze dias

Ha muito tempo que não nos era dado ver uma festa tão significativa, tão encantadora na sua singeleza e esportar ef. a lo como a manifestação que a Padaria Espiritual fez ao grande poeta popular Juvenal Galeno, que no dia 27 do mez findo completou o seu 59.º anniversario natalicio.

Comecemos pelo começo.

Aventada em sessão da Padaria a idea da manifestação, ficou assentado que ella consistiria na entrega do diploma de Pai-deiro-mór Honorario ao inspirado cantor da *Lyra Cearense*.

Reitido o diploma, encarregou-se de desenhá-lo o Pai-deiro Luiz Sá, o grande e modesto artista que, quer empunhando o lapis do desenhista, quer a penna de calligrapho, se revela um talento fora do estalão commum.

O trabalho do Sá é um mimo, um verdadeiro primor de concepção e execução.

(Ve o publico que a Padaria tem gente para tudo, e ainda sobra — mas para tudo o que é bom, entenda-se).

Esta conspiração contra o retrahimento pacato e burguez em que vive ha tempos o Juvenal, a dormir sobre os louros conquistados, foi urdida no mais completo segredo a fim de que a coisa fosse para elle uma verdadeira surpresa a assaltal-o de chofre, e não uma dessas surpresas a

oleo e a esquivaninha de pra'a de que muitas vezes o surprehendido faz os gastos.

Dictava es nossos intuitos a mais sensível e grata adm. ração pela formosa e immorredoura obra de Juvenal Galeno, que tanta inspiração e tanto trabalho despendeu para dotar nossa terra com a historia rimada e emocionante das suas lendas, dos seus costumes, das suas glorias e das suas tristezas.

Ao ver o velho triumphador abrigado á sombra do lar, a bater-se vulgarmente na lucta pela vida, guardando no fundo das gavetas os laureis honestamente colhidos — entendemos dever trazer-lhe a scena aberta a fim de que, como seus filhos intellectuaes, que nos presantos de ser, lhe rondssemos os prelios de nossa admiração.

Comquanto seja o juizo da Posteridade o unico competente para separar o joio do trigo, sagrando os verdadeiros heroes, sempre é bom que o agente v.º sacando o bro o futuro e faça destas apothoses de corpo presente que embora não sejam mais tarde referendadas, ao menos derramam um consolono coração de quem as recebe.

Mas, ou muito nos enganamos, ou a obra de Juvenal Galeno pertence ao numero das que a ferrugem das éras não corrêe nem deforma.

E foi assim pensando que nós os solidados de hoje fomos fazer as nossas continências ao velho general das letras cearenses.

Dentre os nossos conselhos ha alguns casados, e assim se explicita o facto de ter gorado a nossa surpresa, de formas que quando chegou a banda de musica que mandamos pôr á frente da casa do poeta, já esta estava illuminada e enfeitada á nossa espera.

Ao grupo da Padaria incorporaram-se o Dr. Justiniano do Serpa, da Academia Cearense, João Perdigão, do Instituto Historico, e Luiz Barreiros, da Mina Litteraria do Pará.

As 7 e pouco da noite entravamos pela casa do Juvenal.

Waldemiro Cavalcanti, numa a locução de alto lavor litterario e cheio d'esse timen-o saudou-o em nome da Padaria e fez-lhe entrega do diploma.

Juvenal agradeceu com quatro palavras e algumas lagrimas (que não podemos contar) e leu em seguida os bellissimos, os primorosos versos que vão publicados mais adiante.

João Perdigão falou em nome do Instituto Historico, do qual faz parte Juvenal.

Por ultimo falou Luiz Barreiros em nome da Mina Litteraria do Pará.

Juvenal respondeu a chorar de alegria e de gratidão.

Mais tarde, após longa e deliciosa palestra sobre letras, fomos conduzidos á sala de jantar onde se pompeava uma vasta moza artisticamente enfeitada e sneculentemente povoada de cousas capazes de escangalhar a abstinencia de um santo e de saciar ao.... (Consintam que não estampemos aqui o nome de um dos nossos companheiros — talentoso e excellento rapaz, mas que, pelos modos, sofre de fome canina).

Encetou os brinde-o Antonio Salles, que, com aquella negação que Deus lhe deu para as cousas da eloquencia, condensou num toast laconico a sua saudação ao festejado.

Falou em seguida o Serpa. Não sabemos si elle já teve alguns momentos infelizes na sua vida de orador: mas estamos convencidos do que poucos momentos felizes terá tido como esse em que saudou ao Juvenal. A sua allocução foi uma verdadeira torrente de phrases de uma profunda emoção poetica, lampejantes de imagens felicissimas, repletas de criteriosos conceitos sobre a individualidade litteraria do poeta da *Porangaba*.

O brinde do Serpa foi uma das notas culminantes da festa.

Voltando ao salão, fez-se musica e espirito até a hora em que Antonio Salles, abrindo ao acaso a *Lyra Cearense*, annunciou a leitura de algumas poesias de Juvenal.

Foram lidas a historia do *Burgado* e a *Viola*.

Foi indescritivel o effeito produzido por essas duas joias da poesia popular.

Palmas incoerciveis reboavam á cada estrophe, e até o povo que se apinhava na calcada e disputava logar nas janellas manifestava com applausos o seu enthusiasmo.

E quando mais tarde davamos em Juvenal Galeno o abraço de despedida, fomos mais que nunca convencidos da solidão da sua gloria, da sobrevivencia do seu nome — e muito satisfeitos com isso, por lhe termos feito sentir que, em vez de neophilos iconoclastas, somos respeitadores de todo o crente que com verdadeira unção se ajoelha no templo da Arte.

Honra ao grande poeta!

MOACYR JUREMA.

Juvenal Galeno

Este glorioso poeta popular cujo natalício festejou ha dias a Padaria Espiritual, nasceu a 27 de Setembro de 1836, nesta capital, na casa n.º 66 da rua Formosa.

Foram seus pais José Antonio da Costa e Silva e D. Maria do Carmo Theophilo e Silva.

Juvenal Galeno cursou humanidades no Lyceu desta capital e seguiu depois para a antiga Corte afim de proseguir os seus estudos.

Ahi chegando o nosso poeta, entregou-se sem demora ás letras, negligenciando as suas obrigações de estudante e burlando as intenções paternas.

O seu volume de estréa foi—*Preludios poeticos* (1856. Typ. Americana de José Soares do Pinho, um volume in 8.º 152 pag.º).

A impressão deste volume foi paga com 100\$ que o pai de Juvenal lhe remetteu para fazer uma excursão a Cantagallo, o ahi estudar a cultura do café, desenganado como estava de que o filho proseguisse os seus estudos.

Voltando ao Ceará, continuou imperturbavelmente a sua vida litteraria publicando em 1861 a lenda em verso *Porangaba*, que foi o seu primeiro passo para a celebridade.

Um verdadeiro mimo a lenda da formosa cabocla cujo perfil elle começa a traçar com esta estrophe:

« Porangaba, Porangaba,
Quanto és formosa e louca!
Tens o poder dos Piagas,
És divina qual Tupan;
Porangaba,
Tu és a doce manhan. »

Seguiu-se a publicação das *Lendas e Canções populares*, que o cobriram de louros não só por parte da critica como—e o que é mais valioso—por parte do povo, que lhe decorou os versos, que lhes poz musica dando-lhes assim a mais real, a mais significativa sacração.

Em 1871 publicou Juvenal duas obras—*Scenas populares e Canções da escola*, sendo esta adoptada para as escolas primarias.

Em 1872 fez aquisição de uma typographia e nella a publicação da *Lyra Cearense*, que é a distribuida em fasciculos semanais de 8 pag.º pelos respectivos assignantes. Creemos que foi no fim deste anno que Juvenal se retirou para a Serra da Aratanha onde se entregou á agricultura até 1888, quando foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Publica e mudou-se para esta capital com o fim de educar os filhos.

Em 1891 reuniu em um volume os folhetins satyricos e humoristicos em verso que havia publicado no rodapé da *Constituição* sob o pseudonymo de *Silcanus*.

No anno seguinte publicou uma segunda edição das *Lendas e canções populares*, refundida, muito augmentada e precedida de juizos criticos de Castilho, Araripe Junior, F. Tavora, Machado de Assis etc.

Fis, aqui, com um laconismo de

catalogo, a grande e bella obra de Juvenal Galeno, obra em que vibram todas as paixões—amor, patriotismo, odios, desdens e tudo o que pode agitar uma alma apaixonada e superior.

Mas a nota predominante de sua obra, a que o consagra altamente no conceito publico é o seu amor pelo povo cuja vida, idéas, costumes, superstições e lendas elle interpreta e descreve com uma verdade palpitante, com uma graça singela, original e profunda.

A estes ligeiros apontamentos litterarios juntaremos alguns traços physionomicos e moraes.

Juvenal Galeno é hoje um velhote gordo, baixo, ainda muito forte, de suissas brancas, usando oculos verdes quasi na ponta do nariz.

Gosando de regular abastança, vive exclusivamente para os seus, dos quies só se aparta para ir á repartição ou para tractar de negócios indispensaveis.

É um palestrador meansavel, muito espirituoso e finalmente satyrico.

A proposito de qualquer acontecimento tem sempre uma anedocta engatilhada com que fazer parallelo e tirar conclusões divertidas e causticantes.

Muitas vezes faz de sua pessoa e das suas obras o assumpto das suas troças.

Terminando este rapido esboço, desvancemo-nos de ter prestado ao nosso grande poeta as homenagens que lhe deviamos como humildes mas operosos paladinos que somos das letras cearenses.

A REDACÇÃO

NOTA—Tendo sido a nossa manifestação a Juvenal Galeno urdidã no mais completo segredo, soccorremo-nos a informacões de terceiro, o que torna sem duvida estes dados incompletos e deficientes.

A Padaria Espiritual

(Recebendo o diploma de Padeiro-mór honorario que me conferiu no meu anniversario natalicio).

« Quem não tem merecimentos,
« Glorias não pode alcançar. »
São do povo ensinamentos,
Nas cantigas de seu lar.
Que aprendi desde menino.
Em busca do meu destino.
Principiando a trocar;
Que me seroíram de abrigo.
Das procellas no perigo.
Pharol nas ondas do mar!

E, embora oelho, senhores,
Das saudades na estação,
Inda me anima e consola
Bia cantiga, á viola.
D'aquelles tempos... Então,
Fugindo á patria cidade,
Procurei a solidade
Na praia, serra e sertão;
E da natureza ao seio,
Do pobre povo no meio,
Cantei, ao som do barão,—
Prazeres, melancholias.

Nossas noites, nossos dias,
Sendo mestre—o coração!
Ora—amores da morena,
A' luz da lua serena;
Ora—as lendas da jangado,
Com sua orelha enfiado,
Na linha, longe, a brilhar,
E as lidas do jangadoiro,
E as canceiras do caqueiro,
Nas suas doces toadas,
Acompanhando as boicadas,
Que as feiras iam levar;
Proezas das caquejadas,
Perigos do campêur...
Atraz da rez calingueira,
Vertiginosa a carreira,
Noelito arisco a topar...
Ou nas cerdeas serranias,
Ao gemer das tentanias,
Venturas que lá gozei...
A' quanto amor e remanço,
No trabalho, e no descanço!
Como feltz eu cantei!—
As artes dos caiporas,
No matagal a deshoras,
E as da mãe-d'agua também;
E dos serranias facerres,
Os encontros nas ladeiras,
Dos cafésas junto ás viras,
Nos rios... entre a ecedm!
Conhecendo os feiticirras...
Quem não invejou? Ninguém!

Pois bebam agua, rapazes,
Ou então, sendo capazes,
Fujam p'las serras d'alem

Mas, d'esse tempo citoso,
Só restam—recordações...
Minhas singelas canções,
Quinda repito, saudoso
D'almas affectos d'aut'ora
Das minhas inspirações;
Mas, como as benedigo agora!
Pois lhes deco esta alegria...
Titulo de tanta valia,
Da Padaria gentil...
Virentes louros, colhidos
Nos jardins dos escolhidos,
Para um college senil!
Oh! bem sei que não me cabem,
—Da juventude esperdições—
Mas os aceito e admiro,
Como o pobre em seu retiro,
Do astro-rei beneficios,
Na chaga cendo-os entrares;
Qu'este diploma o loucos
Mas não são do que favores
De fidalgas sem par!
Que sinto ferir-me n'alma,
Da gratidão prezo a palma,
Agudo espinho,—o pesar
De,—conforme ensinamentos,
Não possuir documentos
Que os possa justificar
Queindo em muitos momentos
« Quem não tem merecimentos,
« Glorias não pode alcançar. »

JUVENAL GALENO.

A encruzilhada

Meu Deus! Um momento
só de felicidade não é bastante
para uma vida inteira?...
Th. Dostoevsky.

Diversas vezes passei com elle por aquella encruzilhada e sempre via illuminar-lhe a face um rapido sorriso

e algum tempo ficava, pensativo como que embevecido em grata recordação.

Era fora de duvida que experimentava passando ali algu na doce emoção. Recordava-se talvez de um episodio feliz, uma dessas venturas fugitivas e inenarraveis da estapa dos amores, que duram apenas um momento mas deixam n' alma um suco imperecivel. Porém alli, no meio da floresta, longe tão longe da toda habitação...

Eu ir ser indiscreto: elle antecipou-se. Uma vez como passassemos alli, transbordou nelle a emoção: teve necessidade de expindir-se.

E contou-me. Ainda muito moço, andando na floresta, se perdéra.

De balde procurou por muito tempo um trilho, uma vereda que o encaminhasse. Gritava: era completa solidão. Algumas vezes respondia-lhe da copa de uma arvore uma gorgelhada estridente, sarcastica.

E elle estremecia assustado e despeitado, embora lhe fosse familiar o grito d' aquella ave: pois não haveria solidão que nos livro do zombaria, ainda que seja de um passarão?

A espessura da arvore e as nuvens e os embaraços no caminhar por logares cheios de obstaculos faziam-no perder o rumo a cada instante. E quando suppunha caminhar para o nascente, surgia-lhe ante os olhos o sol a descer para o occaso.

Exhausto de todo, com as roupas dilaceradas, ensanguentadas as mãos, pernas e pés entumescidos, de vez em quando assaltado por dolorosas picadas cahira por fim alli, junto daquelle grande oiticica onde se cruzavam duas veredas.

Fraco, exanime, vencido, elle escutava com inveja e com rancor os variados ruidos da floresta.

Em cima cantavam passaros alegremente a' portia e volitavam em pequenos bandos de uma arvore para outra e dialogavam tufues, saltitantes e breguetos. E elle via se apr. xim tranou e se desvanecia a esperança de salvagão.

Libravam-se colubras visitando as flores silvestres e dando caça aos insetos, e outros insectos zumbiam-lhe em torno da cabeça e o estomago se contrahia nas agonias da fome.

Por toda parte a vida o rodeava: exuberante e activa. Os seres em milhares lutavam ao redor d'elle, e em em cada moita, em cada tronco, em cada ramo havia uma luta e havia uma victoria. E no meio dos vermes e insectos tão pequenos, que elle esmagaria um cento de uma vez, era elle, vencido sem lutar, que se ia offerecer em pasto á voracidade desses vermes, dos insectos.

A noite agravou-lhe os sofrimentos todos. Silvos piados, rugidos, enchiam-no de pavor, e na escuridão medonha o delirio do sêde lhe mostrava horrendas feras e asquerosos reptis peçonhentos.

Fôra encontrado quasi moribundo depois de sofrimentos indizíveis.

Elle contava tudo calmo, com miudezas, minudencias, muito naturalmente. A recordação dos sofrimentos não lhe contrahia um musculo do rosto.

Concluiu, imperturbavel, impassio-

sa, a narrativa daquelle noite angustiosa, passada em claro na mata entre os tormentos da fome e da secura, a dor dos ferimentos e o horrores das imagens pavorosas que lhe eroava a mente subjugada pela sede e pelo medo.

Depois, fez uma pausa como reconcentrando-se.

Fu estava pasmado. Acreditava sempre que fosse muito gozto a recordação evocada por aquelle logar: e em vez de um feliz episodio de amores acabar de ouvir uma desagradavel aventura de caça.

Mas de novo o sorriso costumado lhe veio enflorar os labios. O enleio, o embevecimento que tantas vezes eu notára reapareceu.

E elle continuou.

Muitos annos depois tornava a passar alli. Não estava só conchegava-se a elle uma gentil e risonha companheira que tagarellava e trinava, sempre vivida e alegre.

De proposito levou-a aquelle ponto e alli, sentados junto ao tronco da oiticica, referiu-lhe a mesma historia que acabava de contar-me.

Elha commoveu-se, entristeceu, e d'ahi a pouco, borbulhantes de lagrimas os olhos, cobria-o de caricias, alli mesmo, onde elle cahira outrora agonizante.

Depois disso, a recordação dos sofrimentos se adocava e se dissipava ante a lembrança d' aquelle unico momento de venturas, feliz compensação de tantas horas de cruciantes amarguras. E ao passar ali era só aquelle momento que revivia na memoria do desgraçado.

E como não ser assim, si os sofrimentos na vida são commutes e os momentos de ventura são tão raros!

Aracaty, 1837

Bruno Jacy.

Em voz baixa...

(INEDITO)

—Anarda hoje é sisuda e reservada!

Esta é Anarda? Como a gente muda!

Anarda é esta? Como está mudada!—

—Com ver Anarda assim, ninguém se illudida.

Pensas que ella mudou? Não mudou nada; Nunca foi reservada, nem sisuda.

Fosse um doutor, um conde, algum banqueiro...

Porém que ao tetar um *fada* a roubo (E que *fada*!) é bom poto o lisongeiro!

Mas e que ao *fada* um *sim*; e um *não* te

coitinho.

De que ella encheu o ouvido ao mundo

coitinho.

Que ella guardar segredo nunca soube.

E esqueces, mallogrado pretendente,

Que esta é a mesma, sim, que está

aquelle

Que a ti se fez rascar tão tarpemente?

Bem fizeste em fa creste de vela. Porqao cá, di go-te cá, rin toda a gente De ti, do mau suezo to tã não d'ella--

—Que houve após?

—Cousa *seria*, que se ignora...

—Séria?

—Sim; entre os dois... Mas de t-lhe, *tao fada*.

Na revolta metter-se, e foi-se enbora...

—Morreu por lá talvez...

—Bom para Anarda:

Váe saber d'ella, o que houve, tu afora...

—Este segredo, ao menos, ella guarda.

Setembro—1895.

RAYMUNDO CORRÊA.

Cartas Litterarias

Acabo de ler o novo livro do Sr. Adolpho Caminha, no qual são apreciados alguns dos nossos mais distinguidos homens de letras.

Pondo de parte o titulo, que não exprime o conteúdo, e que eu no caso do autor, para que o livro não se parecesse com certos zurrapas que apparecem no mercado com o rotulo de lagrima-christi, o teria baptisado simplesmente por—Cartas—para que não as chamassem, depois de lidas, de litteratolices em vez de litterarias: direi porque figura n'ellas o meu humilde nome.

Li o que me dizia respeito e aos companheiros de berlinda.

E coube-me uma apreciação a «Fome», o livro que publiquei em 1890. Recordei-me então de ter lido algumas cousa parecida e correndo o meu *Livro Azul*, fui encontrar a tal apreciação, anonyma, menos pulha, mas também menos desenvolvida, na Revista Moderna, que se publicou em Fortaleza em 1891.

O Sr. Caminha havia pertilhado o seu monstro e estampado nas suas «Cartas Litterarias».

Como não se trata mais de um anonymo, e me assistindo o direito de defesa, vou provar ao publico, que há falta de criterio e de sinceridade do meu critico.

Começa assim o Sr. Caminha n'um periodo de esbofar a quem não for mergulhador:

«Ha um bom quarto d'hora que tenho suspensa a penna, em attitude circumspecta e religiosa: de quem espera uma revelação divina, sem saber o que dizer do novo livro do Sr. Rodolpho Theophilo, e a minha dificuldade, o meu embaraço, a minha incerteza sobre de ponto a cogitar eu no modo lisongeiro com que foi acolhida essa obra, na opinião da imprensa, a melhor do autor».

N'este periodo de *legua e meia*, mal alinhavado, de *estilo frouxo*, capaz de produzir synopses em cardiacos e accessos em asthmaticos o Sr. Caminha confessa com toda a ingenuidade que não tem juizo formado sobre o livro, que vai criticar. Para fazer o *pirito*, e em falta de assumpto tem *suspensa a penna em attitude cir-*

circumspecta e religiosa de quem espera uma revelação divina.

Por este exordio vem-se logo afora do critico e as suas aptidões. Pondo de parte a *attitude circumspecta e religiosa da pena* do Sr. Caminha, que de pato ou de aço, deixou na mão d'elle de ser corpo inmutado, de forma chata, sem circumspecção e religiosidade, para ser ente que sente, contemplamos a leitura da sua apreciação.

Depois de dizer que não conhece as obras que tenho publicado, antes de mostrar os defeitos da « Fome », diz ex cathedra :

« O que desde já vou affirmando é que o Sr. Theophilo pode ser cidadão mimissimo trabalhador, um activissimo fabricante de vinho de cajú (que o é.) Incansavel mesmo nos labores de sua profissão, extremamente amoroso para com sua terra natal, pode ter todas as qualidades de bom cidadão; mas em tempo algum conseguirá um logar proeminente na litteratura nacional; falta-lhe certo *quid*, largueza de vistas, orientação e bom gosto, predicações indispensaveis a quem se aventura n'esse terreno. »

Quasi esbofei com a leitura d'este periodo; afinal tomei folego e vamos continuar.

Dos dizes acima, embora em linguagem de polemista de roça, tive um lucro. O *reclame* que faz o Sr. Caminha ao meu vinho de cajú. Foi o meu zabumba e por isso eu perdoo ter elle apregoado a minha nullidade litteraria. Talvez o meu critico suppozesse que me molestava dizendo ser eu fabricante de vinho de cajú; se assim pensou enganou-se, a minha vaidade não chega á impotia balofa; tenho muita honra em ser industrial, sei harmonisar o util com o agradável. Nas horas vagas escrevo sonetos e contos e por desfastio ás vezes aponto as parvoíces litterarias de romancistas pulhas. O que estranho é tor o Sr. Caminha quando desarrumou a minha bagagem scientifico-litteraria (como chama) encontrado vinho de cajú; mas se o encontron foi bom, bem manipulado, e feito com aquelles celebres cajús da Aldeota e vendidos pela Tia Joaquina do mestre Cosmo.

Ha pouco tempo quando escrevi uma ligeira apreciação sobre a « Normalista » não indaguei se o Sr. Caminha era alfaiate, sapateiro ou sacristão.

Decretado *nullo* pelo meu critico, e *nullo* em todos os tempos passado, presente e futuro, se o caso fosse de recurso, se fosse possivel appellar da sentença para outra instancia eu o faria, mas não sendo replico publicando—Os Brilhantes.—

Agora mesmo apreciando a « Normalista » achei o livro muito defeituoso; mas por esse fructo do Sr. Caminha ser aleijado segue-se que todos que produza no futuro o serão?

Reconheço no autor da « Normalista » talento e um certo *quid* para a cousa, mas falta-lhe orientação e sobretudo um certo preparo scientifico.

Estudando pode vir a fazer figura saliente nas lettras patrias.

O que deveras me revoltou na apreciação, que o Sr. Caminha fez da « Fo-

me », foi a sua falta de criterio e de sinceridade, como irão ver os que me lerem.

Dizo o meu critico :

« Ouçamos o desgraçado retirantea respeito da mucunã : — Sua massa é cor de carne, o sabor suave e adocicado, e em tecidos de uma macieza que muito agendava ao paladar... E, assim por diante, o homem falla em *tecidos vegetaes*, como se fosse um doutor diplomado ! »

Ninguém supportará lendo este trecho e não lendo o que está escripto na « Fome » a pag. 93 q' o Sr. Caminha fosse capaz de uma inverdade, mais ainda de adulterar um facto, um periodo de uma narrativa para podello criticar desapiadadamente.

Se crimes d'essa natureza fossem previstos pelo nosso codigo criminal onde deveria estar o Sr. Caminha? De grilheta ao pé em algum presidio. Mas como elle continúa e continuará a andar solto, eu para vergonha sua, vou por-lhe a calva á mostra.

Quem lê o que escrevi á citada pagina vê que não se trata de mucunã e sim de um outro vegetal, terrivel veneno, cuja ingestão pro luz a destruição completa de alguns dos sentidos em poucas horas. Porque o Sr. Caminha não transcreveu toda a informação do retirante sobre essa planta? Porque mutilou-a? Foi porque publicanica em sua integra ella resisteria ao grosseiro alvao de sua critica.

O Sr. Caminha escandalisa-se com a erudição do retirante a quem chama *doutor diplomado*, e porque pensa que a secca só desloca a população analfabeta.

Entre os quatrocentos mil infelizes, que a secca de 1877 expatriou, quantos conheciam melhor biologia que o meu critico! Eu mesmo tive um collega de collegio que abandonou os estudos de medicina já no terceiro anno e que na secca veio do sertão, a pé e se alimentando de raizes silvestres.

O Sr. Caminha não conhece a secca, o maior mal que pode flagellar um povo!

Se tivesse assistido uma dessas calamidades, embora ao abrigo das necessidades materiaes da vida, havia de perder parte de sua musculatura e quasi a paz do espirito, se não tivesse a alma anestesiados os sentimentos de piedade. Observe o meu critico os destroços de um terremoto e verá que o elemento destruidor não respeitou os fortes e nem tão pouco se conduziu dos fracos, — involvou tudo em seu remoinho!

As leis da Natureza, Sr. Caminha, não são como as leis dos homens, não se derogam nem têm nariz de cera.

E que grande erudição mostrava o retirante so porque fallava em *tecidos vegetaes*!

O meu critico, reflectindo bem verá que foi banal a sua critica. E vejamos.

Supponha o Sr. Adolpho Caminha que indigestado de applausos ou triumphos, enfastiado dos editores e da vida agitada da capital federal, um bello dia teve saudades do seu Aracaty, das poeticas varzeas do Jaguaribe e desceja um ninho no sertão. Uma casinha trepada n'um oiteiro, cercada de um virente carnubal, onde as gra-

mas trinem a nascer e pôr do sol o ouça-se pela madrugada a toda nostalgia dos comboteiros, é o tranquillo remanso que aspira o espirito romancista. Ah! melhor do que no bairro do Outeiro, *velho embora, nastranquillo, e soccupulo, num abandono de bichina orgulhosa* arma o Sr. Caminha a sua tenda. Os seus haveres como romancista brasileiro aposentado que é, não lhe permittiram adquirir uma fazenda de primeira ordem.

Os lucros, da « Normalista », embora o livro (como diz com toda modestia em suas « Cartas Litterarias » a pag. 71.) de um *sucesso extraordinario* somados, com as da « Judith », « Lagrimas de um Crente », « Vãos Incentivos », « Bom—Crioulo », « Pequenos Contos », « Theatro de Balse e Duas Historias » deram apenas para a compra d'uma duzia de vacas e o necessario á manutenção da vida sertaneja.

Tranquillo corria os dias do fazendeiro Caminha, repoisando das fadigas litterarias sobre os louros ganhos nas luctas da intelligencia.

Tudo ia bem, gordas eram as vacas e opulentas as seccas.

O Sr. Caminha ja não tinha saudades da rua do Ouvidor, ja conhecia bem os *emburbs* e não os confundia mais com os *caruados* e sabia ser tarefa impossivel matar cobras de cas-cavel á fuga.

Tudo ia bem; mas a sorte n'este mundo é mal segura.

A secca, o terrivel mal congenito do Ceará, declara-se.

O sol sem nuvens que lhe empanassem os raios, dardejia fogo sobre este pedago do globo, que respianto recebia em choro seu calor de forja!

Nem mais uma gottad'agua orvalhou os campos! As aves emigraram sequiosas de frescura, enquanto a floresta despe-se enroscosa os ramos e o seu esqueleto negro e nu braceja no azulino espago!

Os rebanhos urram esfimados atraz das folhas seccas que fogem d'elles, levando das pelo vento que num adoadado remoinho vai atufal-as em medas no concuro dos penhascos!

E o homem mede a fondura do abysmo; acovarda-se ou luta!

O Sr. Caminha, espirito forte, po-leja peito a peito com o flagello; rasga as entranhas na terra para matar a sede dos gados, mas a unica agua que apparece nas aridas camadas é o suor que lhe sahe dos poros em bagas... e o luctador cahe extenuado e desilludido.

Esmorrece, mas não sucumbe!

Põe em actividade o resto de sua energia, faz um esforço ultimo, no qual gastou as ultimas parcelas de sua coragem e nada consegue em favor de sua fortuna, que a secca aniquilla minuto a minuto!

A ultima vez estrebucha na malhada, e o sol dardejia torrendo tudo!

O fazendeiro Caminha, com a vida seriamente ameaçada, abandona o ninho sertanejo em demanda da Fortaleza. Peregrino, encorpora-se ao prestito da fome. Como os companheiros de jornada, tem unicamente raizes bravas como alimento! Um dia em

falta de vegetal conhecido arranca uma batata, que não conhece, e come.

No fim de poucas horas está cego e abandonado.

Acovardado com a escuridão da cageira ajoelha-se e implora socorro aos que passam perto de si. A linguagem do cego, embora não seja elle, *doutor diplomado*, é limada. Conta a historia da sua desgraça, não como analfabeto, mas como homem de certa cultura.

Já vê o senr. Caminha que não foi uma parvoíce minha ter encontrado um retirante, do qual não dei informações de seus conhecimentos, que se exprimeia como um homem de alguma instrução.

Outro defeito da «Fome» é o estilo, que no dizer do meu critico é frõuxo, as scenas sem arte e sem verdade.

Nego competencia ao Sr. Caminha para avaliar o estilo e esthetica de qualquer escriptor. Eu poderia citar paginas e paginas da «Normalista» escriptas em estilo mauco e repletas de scenas pulhas, e quem tem semelhante trave nos olhos não pode ver o argüero no olho do visinho.

Eis uma amostra do estilo e esthetica do meu critico, na «Normalista»: «Maria encolheu-se toda debaixo do lençol, duvidando.

Tremia como um doente de sessões embocada que nã n caracol. »

Este *que nem* dito pelo mestre Cosme seria supportavel, correcto mesmo, mas pelo Sr. Caminha, que adora a forma, que quer ser purista, é que não se admitta.

Mais uma:

«Uma vóz elle proprio Mendonça vicia de perno a agonia lenta de uma mulher asphixiada pela elephantiass — pernas inchadas, ventre inchado, rosto inchado, horrivel. »

Podia fazer mais de cem citações d'essa ordem, mas seria perder tempo e para amostra bastam estas.

(Continúa.)

RODOLPHO THEOPHILO

A sogra

Ha certo tempo, um gaiato, que o dom das pilherias logra, tentou pôr em desbarato o predomínio da sogra:

Sobre a velha desdobrava rido o que de mão havia; umas vezes era brava, e era outras vezes bravía!

Chamava-lhe abelha mestra, saraceni ou gilboia, e a matrona, menos dextra, ta ao fundo sem ver boia!

Com effeito achou-se graça no chorrilho de anedoctas, e ou nas ruas ou na praça era o assumpto das chacotas!

Depois disso, com desaso e com petulancia enossa cada qual conta seu caso relativo á mãe da moça.

E a vovõsinha, que trata do netinho ainda tenro, é o alvo da setta ingrata de seu malcriado genro!

Esta nova antipathia, a dos antigos contrasta! amavam a sogra e a tia, pois má só era a madrastra!

Se no genro entra o diabo, em casa é a sogra um anjo, que rebate o menoscabo e insolencias do marmanjo.

Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1895.

PADRE CORRÊA DE ALMEIDA.

Bibliographia

CARTAS LITTERARIAS

POR

ADOLPHO CAMINHA

Capital Federal—1895.

Chega-nos ás mãos este recente livro do jovem e operoso escriptor cearense Adolpho Caminha.

Dentre as *Cartas Litterarias* ha tres que nos dizem respeito.

Uma destas não é mais do que o artigo publicado aqui em 1891 na *Revista Moderna* sobre os *Versos Diversos* de Antonio Salles.

Caminha Chrismon este artigo de *Uma estrea ruidosa* e o reproduz quasi sem alteração no seu livro.

Antonio Salles respondeu em tempo a essa critica pelas columnas do antigo *Libertador*, o que deu lugar a renhida polemica entre elle e Caminha.

Uma outra destas cartas refere-se á Padaria Espiritual e já teve resposta de Antonio Salles n'á *Noticia* da Capital Federal.

E' possivel que reproduzamos mais logo essa resposta.

A terceira occupa-se com o romance *A Fome* de Rodolpho Theophilo, que a ella responde com o artigo que começamos hoje a publicar.

Sobre as demais *Cartas* quasi nada temos a dizer.

Sempre diremos, em todo o caso, que si ellas são uma nova affirmação do talento de Adolpho Caminha são ao mesmo tempo a negação completa, irremediavel de suas aptidões para critico.

Nem a sua cultura nem o seu temperamento o habilitam para tão delicadas funções; e mesmo quando, com o correr dos annos, venha seu espirito a opulenciar-se com os conhecimentos que hoje lhe faham, o seu temperamento vehementemente, parcial, irritadigo ali estará para desviar-o da senda trilhada pelos mestres.

Conhecemos de perto o Caminha e sabemos perfeitamente que o seu critico esta a todo o instante a mercê das suas paixões, e que elle não recua

perante uma injustiça contanto que essa injustiça sirva de valvula a um resentimento.

O facto de Caminha citar tão amiadadamente como critico a Zola, que escreveu *Mes haines*, serve de prova á nossa asserção.

Estimaríamos que Caminha citasse mais Taine e menos Zola.

Continuando a estudar pode chegar a ser um dia possuidor da grande erudição de Sylvio Romero, mas terá sempre os defeitos que fazem do autor da *Historia da Litteratura Brasileira* um critico cujas opiniões não podem ser aceitas sem grandes restricções, pelo menos no que toca á individualidades.

Caminha é arreouhado, birrento, rancoroso,—e não é dessa massa que se fazem os criticos dignos de tal nome.

Não dispendo de espaço para analysar sua obra limitando-nos a esboçar estes traços sobre a sua individualidade que muito conhecemos e que ainda presamos a despeito de umas *tantas cousinhas* que não vem ao caso relatar.

M. J.

PROBLEMA

AO RODOLPHO THEOPHILO

No fundo e tragico oceano que ha no coração humano lançou a sciencia uma sonda creando a psychologia que calma, impassivel, fria lhe disseca onda por onda.

E o analysta desde então nos estuda o coração com o mais insano fervor, mas sempre immerso no engano não sabe se mais humano é o Odio—ou se é o Amor!...

(Das—Folhas).

Ceará—9. 95.

SALMO BAPTISTA.

Não scrtão

Despertava cedo, erguia-me e immediatamente sahia para sorver o puro oxigenio trazido pelo vento que soprava o arvo embevecido a musica sonora e dulcissima dos passatós que saulavam festivamente o despontar do dia.

Minh alma prazenteira parecia rir e a natureza vestia-se de galas fascinadoras talvez para encher-me de alegria.

A vida que levava fahia inveja ao mal feliz e somnolento abbade.

Quando o sol a pino applicava a natureza tranquilla duchas de luz como que para despertar a do torpôr letal que a enervava, eu sentia desejos de internar-me em matta densa que demorava-perno para refugiar-me e não sentir os effeitos maldicos daquella fornalha; intelizava-me, porem, a preguiça, minha companhia inseparavel, de ha longos annos, prostrava-me conduziudo-me á rede, onde eu ficava numa quietude de quem trabalhou muitas horas seguidas, sem o protector abrigo de uma sombra. Ali na rede sentia-me bem.

dormia e sonhava fabulosas riquezas trazidas por um riacho mysterioso que se perdia na espessura da matta.

Bruscamente fui forçado a retirar-me para esta infecta cidade onde a saúde é uma illusão e o trabalho uma lei imposta pela necessidade.

4 de setembro de 1895.

FRIVOLINO CATAVENTO

Marinha

Tarde de agosto: o azul do firmamento
Vem casar-se ao do mar manchado apenas
Pelas jangadas que, á mercê do vento,
Vêm regressando, brancas e pequenas.

Longe... num bando preguiçoso e lento,
Aves marinhas, agitando as pennas,
Vão, roçando o dorso espumarento
Das ondas, e vão, calmas e serenas,

Sunir-se além, em busca de outras plagas,
Deixando atrás de si vagas e vagas
Na superfície do oceano esparsas...

Emquanto algumas nuvens côr de neve
Deslisam pelo céu, brandas, de leve,
Como alvejantes, irradias garças.

ANTONIO DE CASTRO.

Imprensa Litteraria

«A THEBAIDA»

Temos á vista o n.º 3 desta revista que jurou á sua Alta Espiritualidade divertir-nos á sua custa.

O Sr. Alves de Faria e *Pedro Celeste* occupam-se comnosco naquella linguagem arrevesada que os nephelibatas inventaram para transmitir ao publico bestificado as suas amarguradas cogitações de ciliciados... da camisola de força.

Alves de Faria chama a nossa resposta de «impossivelmente imbecil» (que belleza de expressão!) e *Pedro Celeste* chama-a de «chuva de fogo dos doestos» que promete receber com a beatitude e resignação com que talvez receba a *citra* que lhe roreja o estomago.

As attitudes monasticas que affectam os nossos adversarios correspondem á hypocrisia jesuitica de que se revestem para se fingirem victimas.

Aggridem-nos os malandros gratuitos e virulentamente, e quando respondemos apontando-lhes os deploraveis erros em que cahem a cada passo, replicam-nos com uns ares de martyres circumscriptos á letra do Evangelho. Já é ser tartufos!

Pena é que alguns rapazes de merecimento condescendam em figurar na galeria de retratos que ornão asduas paginas centrais deste n.º d'A *Thebaida* vendo-se Virgilio Varzea, Julio Cezar da Silva, Amadeu Amaral, etc, ao lado

de Alves de Faria, Collatino Barroso e outros ineptos de igual marca, que fazem do decadismo escudo para a sua nullidade.

Teriamos para os nossos symbolistas dagua doce a tolerancia que se tem para com certas extravagancias inoffensivas, si os pobres rapazes não assumissem esses ares de privilegiados, de eleitos, de predestinados que os tornam de um grotesco infinito—e si, ao menos, comprehendessem a escola ou que quer que seja de que sejalgam discipulos.

Mas essa pobre gente anda á mil leguas do movimento symbolista em França.

Alves de Faria fala, por exemplo, do *Pelerin Passioné* de Jean Moréas, como de uma novidade, que só agora lhe chega ás mãos.

Ora, este livro, publicados em 1893, já o possuímos ha quasi um anno, por signal que um dos nossos d'elle traduziu a segunda das *Étrennes de Douleur*, muito embora não resemos pelo credo symbolista.

A gente d'A *Thebaida* continua a fazer litteratura personalissima (e ruim por conseguinte) ignorando que o seu pretenso pontifice, Verlaine (pobre Verlaine!) já fez seu *Adieu à la litterature personnelle* nas seguintes estrophes:

«Adieu, cher moi, chagrin et joie
Dont j'ai, parait-il, tant parlé,
Qu'on n'en veut plus, que c'est réglé:
Desormais faut que je me noie

Au sein—comment dit-on cela?—
De l'art impersonnel, et digne
Que j'assu, ne un sang froid insigne
Pour te chanter, ô Walhalla.»

Apostamos cem contra um com a gente d'A *Thebaida*, ignorava ainda esta resolução do grande mas desequilibrado poeta de quem tanto falam e a quem tão pouco conhecem.

E é ignorando assim as ordens do dia dos seus chetes *quand même* que os tropeços soldados do decadismo no Brasil nos atordoam os ouvidos com o retintim de uma terminologia macabra obrigada a maiusculas e arrumada com uma syntaxe de arriparr cabellos.

Ora saibam os nossos verlaine-mirins que nós conhecemos o decadismo, suas causas e seus effeitos—e sabemos tambem que elle não tem razão de existir em uma litteratura embryonaria como a nossa, que ainda não percorreu o cyclo de suas manifestações vitais, ao fim do qual tera de chegar, como a fraqueza, á decadencia, á degenerescencia á phase morbida determinante da obra de Verlaine e outros.

Não nos venham pois com as suas labias de Ciliciados, Nevrotados, Torturados, Quintessenciados e... Apalermados, que não pegam as bichas.

Eiles, afinal, não passam de uns grandes pandegos, um bocadinho insolentes e bastante ignorantes, com quem não vale a pena gastar algumas gottas de tinta dignas do melhor emprego.

Continuem nesta vidoca e só conseguirão crucificar e martyrisar a pobre Arte, tal como ella está representada no alto da pagina d'A *Thebaida* que tão modestamente pompa as suas vero-

nicas (já Colles)—muito parecidas—salvo excepções, com outras que ornão os livros de L. Imbroso.

Crucifiquem-na, barbaros, que nos outros cá estamos para desce-la do maldito e assistir-lhe á resurreição.

Temos mais a registrar a recepção das seguintes revistas que nos visitam sempre com pontualidade:

Revista Brasileira, Rio de Janeiro fasciculos 16 e 17; *O Conaento*, Paraná, *Revista Contemporanea*, Recife, numeros 15 e 16; *A Renascença*, Bahia, numero 34; *Revista Jurídica*, Capital Federal, numero 7; *A Ilustração*, Recife, numero 14 com o retrato a sympathica e festejada artista Luiza Leonardo; *Revista do Norte da Bahia*, numero 10 e 11; *A Epocha*, numero 15; *Club Coritibano*, Pará, *A Centella*, Cametá (Pará) anno I, numero 1º; *A Arte* Paraná numeros numero 2, 3, 4 e 5; *O Mundo Bohemio* numero 2.

A todos os collegas nos confessamos gratos pela honra da visita.

A. S.

Ausente

A *****

A onda se ergue no mar
E rola, rola na praia
Espuma, brame, se espalha
E em breve torna a voltar...

Não passando pelo ar
Nuvens finas de cambraia,
E á lua que além desmaia
De todo a vão occultar

Porém ella, feiticeira,
Corre veloz e ligeira,
Para depressa tornar,

Volta a lua... E tu, querida,
Depois da triste partida
Não mais quizesse voltar...

18—9—95.

GIL NAVARRA.

CABTEIRA

«VAGAS»

Pelo ultimo vapor seguiram para Ouro Preto, os originaes deste futuro livro de Sabino Baptista, afim de ser prefaciado pelo eminente poeta Raymundo Corrêa.

E já que falamos do grande bardo das *Atleuias*, cumpre-nos chamar a attenção para a sua poesia *Encos baiva*... escripta expressamente para *O Pão*, que muito se desvanee de illuminar hoje com ella as suas columnas.

LUIS BARROS

Tivemos a visita deste nosso talentoso confrade da Mina Litteraria, do Pa-ra.

Motivos de molestia em pessoa de sua familia determinaram o passeio do distincto cavalheiro, ao qual apresentamos os protestos de nossa afremalissima

HENRIQUE JORGE

Para Belem seguiu no ultimo vapor o nosso adoravel companheiro Henrique Jorge, o talentoso violinista que todos admiram, o espirituoso rapaz cuja palestra faz o encanto de quem houve.

Dizem que o moel desta viagem são cousas do coraço

Mas não precipitemos os acontecimentos e limitemos-nos por ora a desejar ao nosso Sarasat boa viagem e muitas venturas.

LIVIO BARRETTO

Novo e terribilissimo golpe vem ferir a nossa associação, que ainda sangra da perda de Xavier de Castro. Acaba de fallecer repentinamente em Carnocim o nosso querido companheiro Livio Barretto, um dos talentos mais brilhantes, umas das organizações mais privilegiadamente artisticas que possuímos.

Livio morreu na vespéra do dia em que devia entrar para o prelo o seu livro do versos—Dolentes!

Estava já prompta a nossa folha quando recebemos a desgraçada noticia, e por isto só podemos dar sobre o nosso desventurado companheiro estas rapidas linhas tracadas ás lentas, sob a mais terrivel e mais desoladora das impressões.

A familia de Livio Barretto e ás Lettras Centenses enviamos os nossos pêsames.

"BOTANICA" E "SCIENCIAS NATURAES EM CONTOS"

Estes dois notaveis trabalhos didacticos do nosso presado consocio e operoso confratero Rodolpho Theophilo acabam de obter honrosissima distincção por parte do Conselho Superior da Instrução de S. Paulo, que os approvou atin de serem adoptados pelas escolas publicas.

Convem lembrar que a edição da *Botanica* foi comprada pelo nosso governo atin de distribuil-a pelas escolas.

Mas tal distribuição não se fez: todos os volumes ficaram dormindo no archivo da Secretaria onde a traga se encarregou de consumi-los.

E pois com grande orgulho que vemos um Estado como S. Paulo, onde a instrução publica é uma cousa seria que merece toda a sollicitude da administração, premiar os esforços do nosso consocio com esta approvação, que tanto o honra.

Logo que sejam adoptadas nas escolas as obras em questão, o illustre professor Dr. Garcia Redondo ampliará a *Botanica* para fazel-a adoptar tambem na Escola Polytechnica, e neste caso a fuma edição trará no frontespicio o seu nome ao lado do nome do autor da edição primitiva.

Felicitemos ardentemente ao Rodolpho Theophilo pelo triumpho que acaba de proporcionar-lhes os seus labores de trabalhador intelligente e in delleso.

ANTONIO RAYOL

Este festejado tenor e nosso bom camarada actu-se actualmente nesta capital como regente da orchestra da companhia Moreira de Vasconcellos.

Foi com grande jubilo que abraçamos ao Rayol, que sempre jovial e amavel nos chega de Milão onde viu seu talento agrado pelo applauso de Verdi e outras celebridades musicas da Italia.

MATINÉE

Uma commissão composta de José Marçal, Antonio Sales, Ricardo Silveira e Francisco Salgado offerece no proximo domingo uma matinee ao festejado tenor brasileiro Antonio Rayol.

Foram parte no festival muitos dos nossos mais distinctos amadores. O programma, que se está organisando é quasi todo desconhecido do nosso publico e encerra verdadeiras joias musicas.

Entim a festa parece-nos que vai ser digna do distincto artista a quem é consagrada.

THEATRO

O velho e solitario S. Luiz deixou de ser habitação de morecos para abrir seu acanhado palco aos applaudidos artistas da companhia lyrico-dramatica Moreira de Vasconcellos. O nome do distincto director da companhia já nos era bastante familiar o mutissimo sympathico, pois não é sem entusiasmo que acompanhamos sempre os merecidos elogios que tece a imprensa aos artistas de sua estatura, aos escriptores do seu talento. Para nós Moreira de Vasconcellos era um dos mais esforçados impulsionadores da arte dramatica brasileira que infelizmente é tão mal comprehendida e pouco cultivada pelos nossos homens de lettras.

E não nos enganavamos avançando a tão arrojadas proposições, pois é com satisfação que vamos vendo confirmado o nosso anterior juizo sobre o creterioso auctor e actor com os magnificos espectaculos que a companhia nos tem proporcionado.

A estréa foi a mais auspiciosa possivel, o publico cearense, que encheu litteralmente o S. Luiz, ficou conhecendo a força da companhia e os recursos de que ella dispõe.

O drama *Tiradentes*, escolhido para apresentação dos sympathicos artistas, não é só uma peça litteraria de valor como um consciencioso apanhado historico dos episodios da revolução mineira, cheio de lances commoventes e colorido de scenas heroicas que emocionam e enthusiasman. É uma peça que honra a litteratura brasileira.

O desempenho foi o melhor possivel e a interpretação que deram a seus papeis a festajada actriz brasileira Luiza Leonardo, Moreira de Vasconcellos, F. Silva e Peret, não deixou nada a desejar.

Não foi menos bem interpretada a representação da graciosa opereta portugueza *O Periquito*, com que a companhia deu seu segundo espectaculo.

Luiza Leonardo e F. da Silva encaregaram-se do successo da noite, conqui-

tando os applausos mais estrepitosos. Tanto a primeira no papel de *Periquito* como o segundo no de *Liborio* portavam-se com uma correção irreprensivel arrancando boas gargalhadas dos espectadores que enchiam o S. Luiz. M. de Vasconcellos, muito embora representasse papel secundario na peça, salu-se perfeitamente bem, assim como os artistas Tito, Azevedo, Julia Gobert e Lucia Fernandes, concorrendo todos para o successo alcançado com a representação do *Periquito*.

Não foi menor o exito do drama—*Os Portuguezes na Africa* escolhido para a tereceira récita da companhia.

As honras da noite couberam ao Sr. Peret que interpretou admiravelmente o seu papel do *Ingles* trazendo a platéa em continua gargalhada. Luiza Leonardo poz em evidencia mais uma vez o seu grande talento de artista conscienciosa, emprestando alma e vida ao papel que lhe coube no desempenho do drama que, quando não seja uma peça de grande folego não desmerece com tudo o nome e o conceito de que goza o auctor de *Tiradentes*.

Os demais artistas portaram-se com toda correção, salientando-se Moreira de Vasconcellos e F. da Silva que estiveram na altura de qualquer elogio.

O mesmose deu com os *Recantos*, revista de costumes fluminenses e que obteve um extraordinario successo no Rio, e com as *Duas Orphanas*, drama emocionante e de grande effeito. A primeira peça era de toda desconhecida para nós e a julgar pelos applausos conquistados pela maioria dos artistas, podemos dizer que foi uma das melhores noites que já nos proporcionou a Companhia Moreira de Vasconcellos: a segunda era porém muito nossa conhecida e tinhamos ainda bem viva a impressão que ella nos deixou quando representada pela Apollonia Pinto, que ha pouco mezes aquiesceve de passagem.

O que podemos garantir é que o desempenho agora nada deixou a desejar as representações que temos assistido do commovente drama *D'Ennery*.

E dizendo isto fica dito tudo o que poderíamos dizer sobre os sympathicos artista que ora deliciam o nosso publico.

Seria injustica nossa deixarmos de mencionar a parte da orchestra sob a regencia do distincto tenor e violinista Antonio Rayol, uma das glorias brasileiras na musica. Que harmoniosas e sonoras nota tem feito o Rayol vibrar no S. Luiz e na alma dos que têm tido a felicidade de assistir os espectaculos da companhia Moreira de Vasconcellos!

A NOSSA SESSÃO

Foi em casa do José Nava que fizemos a nossa ultima sessão a que compareceram, alem dos Padeiros, grande numero de pessoas de selecção.

Leram-se diversos trabalhos, fez-se musica e espirito, terminando a festa por uma delicada refeição durante a qual o Antonio Beserra narrou algumas de suas extraordinarias aventuras. Uma festa encantadora!

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

THE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: —Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficaia inconctestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaiz contra affecções cafarraes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BENORRHAGICA. Cura em pouco tempo blenorrias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80.—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relogios** de ouro, de prata e nickel, para algeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc, **Relogios** para paes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52--Rua do Major Facundo--52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUIAR**.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 46.

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA.

NNO II

Fortaleza, 15 de Outubro de 1895.

NUM. 26

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, á rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

LIVIO BARRETTO

Na luta de combate dos que, aqui no Ceará, moírejão na afanosa labuta do escrever, acaba de se abrir um claro de todo o tanto imprehenchível com o fallecimento do mallogrado poeta do *Dolentes*, tão prematuramente roubado ás Lettras brasileiras e a nós, da *Padaria Espiritual*, de que era elle um justificado motivo de orgulho.

Livio Barretto foi poeta por uma violenta impulsão do seu organismo, a que elle não pôde fugir nunca, mesmo quando o fêl dos desalentos o punha temporariamente fóra das lides da intelligencia.

Elle foi, quanto a mim, nestes ultimos annos, a mais completa envergadura de poeta que floresceu no norte, pois ninguém como elle possuia essa delicada sensibilidade artistica que o fazia versejar ás soltas, descompassadamente, numa allucinação incoerivel de vidente.

Aos que lêo de vir, aos que fizeram no futuro a historia litteraria da minha terra, eu deixo a tarefa de detalhadamente estudarem a vibrante e original individualidade artistica do meu infeliz amigo; a mim só me compete deixar aqui gravada a sinceridade da minha pena em admiração incondicional e justa que eu consagrava, menos ao artista que ao bello e rigidissimo caracter do Livinho.

Livio Barretto nasceu na fazenda dos Angicos, districto do Iboassu, da comarca da Granja, neste Estado, a 18 de Fevereiro de 1870.

Foram seus paes José Soares Barretto, já fallecido, e D. Mariana da Rocha Barretto.

Juntos viverão, —o Livinho e eu,— na formosa aldeia que a nós ambos nos serviu de berço, e de onde sahimos muito cedo, acompanhando a nos-

sos paes que luctas partidarias expatriaram então.

Livio foi morar na cidade da Granja, onde chegou em 1878 e onde aprendeu com o professor Francisco Garcez dos Santos as primeiras lettras.

Exigencias de fortuna obrigaram-no a ir muito cedo, ainda e muito a contra-gosto, seu servir como caixeiro de um parente, e, nesse officio embrutecedor de mercantilismo aldeão, gastou elle a melhor parte de sua infancia, incomprehendido e anonymo.

Por esse tempo exercia um officio na magistratura da terra o Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, que soube aproveitar as suas excellentes qualidades de educador, ensinando a um punhado de rapazes esperancosos de Granja ligeiros conhecimentos de portuguez, geographia e francez.

O tempo que lhe sobrava da sua tarefa diaria empregava o Livio ouvindo as lições do desinteressado mestre, lições que, por serem accomodadas as regras do convencionalismo, pouco aproveitaram a sua audaciosa imaginação de poeta, que então já se revelava energicamente.

Desse grupo de rapazes, dos quaes o mais novo era o Livio, sahira a futura redacção do *Tracena*, periodico litterario redigido por Belfort Teixeira, Luiz Felipe e José Barretto, e no qual revelou o Livio a sua decidida vocação para as lettras, publicando versos e escrevendo chronicas humoristicas.

Desapparecendo o *Tracena* e com elle aquelle fugaz florescimento litterario, foi-lhe pesando insistentemente o aborrecimento daquelle atrasado meio de civilisação, e ao seu espirito sonhador e idealista se apresentou, numa clara evidencia de contraste, um mundo outro, onde as suas grandes faculdades imaginativas possessem livres de peias, se desdobrar livremente.

Foi o Pará a terra escolhida e para onde seguiu elle a 10 de Junho de 1888, empregando-se logo em seguida como caixeiro na loja «Mariposa».

Parece que o perseguia em toda parte o maldito baleão que elle odiava tanto e do qual tentava fugir desesperadamente, em convulsivos impetos de ave presa.

Foi alli, entretanto, que conseguiu elle conhecer a maior parte dos paes portuguezes e onde travou conhecimento com João de Deus do Rego, que muito contribuiu para a formação

da sua orientação litteraria, forte, equilibrada e bem entendida.

Á impiedade da nostalgia e á saudade, que o torturavam, não sendo resistir a triste e lacrimosa sentimentalidade do meu amigo, e a 7 de Agosto de 1891, muito doente de beriberi, regressou elle á terra natal, com a bagagem de alguns livros, um poema inédito e um fígado irritado.

Foi então que muito intensamente agitou-se-lhes na alma uma paixão antiga a que, elle muitas vezes tentou embalde fugir e que o acompanhava cada vez mais insistente, até a sua morte.

E a propósito, é bom que eu — seu amigo e confidente, — o affirme aqui: toda a obra litteraria do Livio Barretto não é mais que o diario escripto dessa infeliz paixão que tão implacavelmente o torturou, impressionando-o muito, roubando-lhe a energia e desenhando-lhe sobre o rosto a noção de duas olheiras.

Por esse tempo, apparecia em Granja um outro jornal litterario, — *A Luz*, dirigido por Antonio Raulino, e no qual veio de novo prestar Livio Barretto a valia do seu concurso, publicando os «Versos a Stella», muitas sonetos e escrevendo ligeiras chronicas humoristicas.

Por pouco tempo se demorou elle em Granja, de onde sahio a 14 de Fevereiro de 1892, para fugir á impetuosidade brutal da sua infeliz paixão que dia a dia mais se aggravava, chegando á Fortaleza na noite de 16 de Fevereiro, quando esta capital era um campo de batalla e as bombardas estoiravam incessantemente, vomitando as pelotas Krupps da Escola Militar.

Ainda desta vez, teve elle de se submeter a sua má estrella, indo servir como caixeiro do Sr. Adolpho Barroso.

E como um protesto vivo contra a selvageria da sorte, começou a publicar no *Liberador* formosissimos versos de uma suave melancolia a que de certo não era extraneo *esse* poe quem, longe da patria, elle amava ardentemente.

Foi então que aqui se encrava a *Padaria Espiritual*, de que foi Livio Barretto um dos fundadores.

Desgostoso do officio de caixeiro, resolveu voltar para Granja, tomando no dia 27 de Junho de 1892 passagem no vapor *Alcantara*, que nessa noite desastrosamente naufragou na altura de Periquara.

Lívio Barretto era um excellentíssimo nadador, e a esta vantagem deve elle não ter morrido, com aquelle mar furioso de Periquara, cheio de abrolhos e furiosamente irritado.

Na praia, nã, sem dinheiro, a brutalidade daquella desgraça, a desolação daquella catastrophe, o meu pobre amigo sentiu-se infeliz e nessa formosíssima poesia — *Naufragio*, que elle escreveu deitado sobre a areia da praia suble crysallisar todas as lagrimas, todas as amarguras daquella terrivel noite.

Do naufragio não ponde elle salvar nem um só livro. — sua unica fortuna, — e lá no fundo do mar se ficou o original inedito do poema que elle havia escripto no Pará.

Em Julho, de nova, voltou elle a Grãja, como guarda-livros da casa de Boticaria & Cia, onde esteve até 6 de Fevereiro de 1893, quando mudou-se para Camocim, indo empregar-se na agencia da « Companhia Maranhense de navegação a vapor. »

Foi de lá que elle, a instancia do Dr. Waldemiro Cavalcanti, mandou para o prelo o seu livro — *Dolentes*, que um dia depois da sua morte foi entregue ao editor.

Do Camocim me escreveu elle a sua ultima carta, que eu recebi tres dias depois da sua morte, e da qual transparecia a immensa desolação que o acalambava, o tedio atroz que consumia a sua ultima energia.

« No ar, — dizia-me elle nessa carta, — passa uma tristeza moile de indolencia. Dir-se-hia que as coisas bocejam. O teu amigo entre tudo isto parece uma indecisão. »

Foi na sua banca de trabalho, pelas 3 horas da tarde do dia 29 de Setembro que cahiu morto, fulminado por uma congestão cerebral, o meu querido e pobre amigo, esse excellentíssimo rapaz que era não sómente um poeta novo, original e um artista emerito do verso, mas também um dos maiores talentos que eu tenho conhecido.

O Lívio era magro, pequeno, altivamente penitente.

Tinha o olhar penetrante, sem vacillações, a fronte alta abalada e uma pallidez baixa de hepatico.

Ria pouco e só entre amigos elle deixava por vezes transparecer a sua fina verve elegante, um bocado pessimista e epigrammatica.

Com o vulgo era sãudo, um tanto frio mesmo, com uns longes de bem entendido orgulho.

Usava cachemira clara, chapéu de feltro alto, e fumava cachimbo, a noite embalhando-se rapidamente na rede, com um livro de versos nas mãos.

Eu não conheci ninguém que tivesse como o Lívio, em tão elevado grau, o talento de assimilação e da forma; uma noite estivemos lendo o *Só* do Antonio Nobre e no dia seguinte mandou-me elle um soneto, de uma concepção extranha e de uma forma torturada e verga, moldado pelo escopo do decandismo e perfeitamente semelhante aos versos do poeta portuguez.

Essas produções, porém, elle não as considerava suas e rasgava-as.

Elle era, por indole extremamente pantheista: fallava do Sol de Setembro, dos raios brancos, dos Capetanos, da Canicula, do Amor; e a Dor, a Melancolia e o Tédio eram divindades vingadoras, contra as quaes elle rugia sempre na impotencia do não poder vencel-as.

Tinha por sua velha mãe e pelas irmãs o feticchismo idolatra de um crente e era amigo como bem poucas sabem sel-o.

Dorme, poeta, — meu amigo e meu irmão, — na tua pobre cova sob as areias brancas, mordidas pela furia do mar, que soluça noite e dia, melancolicamente, as suas tristezas e as suas angustias.

E tu, poeta, na paz eterna do Nirvana, no infinito nada que agora te cerca, nem ouvirás, para consolo teu, a romaria impetuosa dos soluços arre-messados contra a terra pela tua mãe, pelas tuas irmãs, pelos teus amigos.

Adieu.

9 de Setembro de 1895.

ARTHUR THEOPHILO.

A RECEPÇÃO

— Oh, Deus, Todo Poderoso, —
Disse o Ribas, ao chegar
D'este exílio doloroso,
Das f'licidades ao lar:

« Cumpri, enfim, minha pena,
Do meu desterro coltei...
Mas uma linda acurena
Entre os espinhos do rei... »

« Um'alma irmã de minh'alma,
Poeta de inspiração,
Que tem do martyrio a palma
Na rocha da ingratidão... »

« No meio de indifferentes,
Qual flor em ermo arcial,
Cantando nos seus — DOLENTES
Nenias ao morto ideal... »

« Nas frias trevas da noite,
As trevas do seu cicer...
Como, d'angustia ao acinte,
Quem só deseja morrer! »

« Dai, pois, oh, Summa Bondade,
Que tenha fim seu penar...
Na lyra da Immensidade,
Que oenha feliz cantar! »

E sorriu-se o Omnipotente,
Deferindo a petição...
Largo o Lívio, — de repente,
Vão da terra prisão... »

Xavier, Ribas, Peixoto,
Já cindos, em commissão,
Com prazeteiro alcorôto, —
Que todos Padeciros são, —

O leam para as Alturas...
— Desconhecida amplidão! —
Quantas festas e centuras
Na sua recepção!... »

J. GALENO.

LIVIO BARRETO

A patria cearense acaba de assistir angustiada e triste ao desaparecimento de um de seus mais ditectos filhos, elegante e fecundo poeta Lívio Barreto.

Ah, como é justo esse pranto de mãe affectuosa!

Tanta vida, mocidade, talento, futuro, gloria, tudo se exauriu num ai dorido, que de subito foi abafado pela lage de um tumulto.

Pobre mancebo! partirá cantando alegre e forte em busca do ideal dessa felicidade terrena que a tantos tem atalhado com as suas enganadoras fascinações e a morte o colheu no começo da viagem.

Deitara-se para descansar si sombra da traçoira Duho-Úpas e foi despertar longe de nós nas regioes do desconhecido.

Dõe, dõe muito a separação eterna do ente querido!

Pronunciando o seu nome, o nome adorado daquelle que tanto amavimos, que deveras estremeciamos, que nos enchia de nobre orgulho ao assistir os seus triumphos de dia a dia mais brilhantes, com que não menos já se ufanavam as letras patrias, não sabemos o que escrever: nossos pensamentos confundem-se, dolorosas recordações nos assaltam, e profundamente emocionados pelo vacuo que se fez em torno de nos, pela saudade sempre viva, mais que cruciante que nos enche a alma, experimentamos toda a dor da triste realidade.

Nunca mais se ouvirá a melodia dos seus cantos, que tinham os ariebatamentos de musicas celestias que enlevam, seduzem, deliriam, embriagam de gozo, de deleite, de embevecimento, de estasi supremo; mas a fé que sua lembrança permanecerá sempre constante, forte, vizão, immorredoura no santuario dos nossos corações.

Nella perdeu a *Padaria Espiritual* um dos seus mais bellos ornamentos, a terra cearense um filho dignissimo e as letras um talento promettedor.

Eu, um dos fanaticos admiradores e companheiro nas lidas do pensamentos, lamento-o com profundo sentimento de piedade por ter sido tão inexperadamente arrebatado ao nosso affecto, a nossa amizade, e a nossa convivencia, a estima daquelles que tiveram a dita de o conhecer.

Eu o pranteio com as saudades de um irmão.

ANTÔNIO BEZERRA.

Saudades

A' MEMORIA DE LIVIO BARRETO

Venho juntar minha magua
A' desolada cohorde
Que, com os olhos rasos d'agua,
Hoje te pranteia a morte;

Venho cheio de transporte
Chorar-te a campa esquecida,
— Dizer-te: — sorriu-te a sorte
uma unica vez na vida!

S. B.

Nubil

Nas do que tujo ou amo o teu o'har
Tão doce o meigo, ô dobil sensitiva,
Que tras minh'a na tremula captiva,
Absorta e muda á luz d'esse luar.

Dos teus anjos o candido alvorar.
Tua alma de anjo faz modesta e esquivã;
Cerca-to um ninho de perfume e aviva
O meu amor profundo como o mar.

Ao céu azul das minhas esperanças,
Como orações de mães ou de crianças,
Sohem cantanto as aves do meu sonho,

E o coração, por entre a sombra e o pranto,
Diz-me que te amo ardientemente, entanto
Que tu não me amas como pezar supponho!

Bella

Alta, franzina, erecta, o porte nobre e fino
De uma graça ideal, de planta delicada.
Através do esplendor da ronda perfumada
Emergo o seio firme, estonteador, divino.

De uma graça felina e de risadas francas,
Ao olhar-nos o fulgor de seus olhos serenos
Faz lombrip em jardins de seiva o viciplen-
(nos)

Dois myosotis azues entre açucenas bran-
(cas)

Silhueta mystica

Nos lilazes da tarde
Tristonho, o dia pavidó esmorece;
Como o som de uma prece...
O sol descamba num poente que arde...

Sobre o dorso da serra a luz seroua,
Tranquilla e meiga, lentamente cae;
Plena do lucto, de saudades plena...
A voz de um sino, tremula se esvae.

Ave-Maria! Para o céu se olova
A alma dos crentes religiosa e mansa,
Nos santos-oleos mysticos da Esp'rança
F'ngida e resignada...

Cae a treva.

Mãos postas, fixo e dolorido o olhar
A creança resa junto a mãe que a osnina;
Resa o anjinho para se ir deitar

Ao portal apoiado
O pai os braços cruza e a fronte inclina...
Viem o vento nas frinças do telhado...

Levanta-se a creança
Beijo a collosa mão do homem que a elha
Com a sua ternura rude e mansa,
Ninando o infante, a mãe meiga desfolha
Notas de uma cantiga
Versos e sons que outr'ora ella aprendora
Da vida na rosada primavera,
Saudosa quadra, lembrada e antiga

Dorme a creança, e a mãe inda a canção
Continua a cantar
Clareia o canto o luar do coração...

Fora não ha luar
LIVIO BARRETTO.

A memoria de Livio Barreto

A noticia da morte de meu bom amigo e querido confrade Livio Barreto vibrou-me dolorosamente a alma, detendo-me apprehensivo e nervoso, como quando se desperta de um torpido pesadelo, aturrido com as incongruências das idéas que se desdobram nesses momentos de angustias.

Convivi intimamente com elle e sabia quanta tormenta agitava aquelle cora ao amantissimo da poeta que trahia em bellas estrophen as doventuras que lhe embotavam a existência.

Que o o'harava compenetrado logo a torva e funda tristeza que lhe enchea o coração, jovem demais para accumular tanta magua; e o orlino tremulo de seus olhos reflectia fielmente os sofrimentos que como letural veneno lhe iam inhiando lentamente a vida.

Desde verdes annos, na idade em que se tem aureos sonhos de felicidade risonha e pela imaginação passam idéas ridículas e fugueiras, como revoada de borboletas azues, foi forçado a seguir a carreira commercial, contrariando sua pronunciada vocação para as letras; mas, como todos os rapazes de talento, não se deixou vencer pelo trabalho material, e, nas horas que lhe sobravam, escreveu o precioso livro — *Dolentes*, que brevemente irá ornamentar a bibliotheca da «Pátria Espiritual».

As poesias enfilexadas nesse volume são joias de raro valor que irão tornar o ainda mais conhecido no mundo das letras e sua memoria querida e venerada passará á posteridade, como a dos poetas que cantaram as grandes dores que lhes rasgaram os corações magoados.

Ahi ficam estas palavras como expressão de pezar immenso pela morte do meu querido amigo e confrade Livio Barreto, esse rapaz de talento que deixou em nosso meio litterario um lugar impreenchivel.

ULYSSES BEZERRA.

A quem partiu

Si me perguntassem a impressão que me deixou a morte do Livio, talvez não souhesse responder.

N'Avenida onde palestrava e ouvia musica deram-me de chofre a pungente nova.

Estremeeci no recebel-a, porém depois, mais calmo, puz-me a olhar a multidão, que passava indifferente. Risos — eis o que tristemente eu vi. Em tudo a nota impressionista de quentes alegrias.

Então uma lagrima amolentou-me a palpebra.

Neste instante a lua punha no mar, que calmara ao longe, uma rutila fascinação de prata.

E nada mais.

Adcns, Livio!

ROBERTO DE ALENCAR.

Os quinze dias

A minha missão de chronista chronista do Pão já não se me afigura tão pesada, já che a de responsabilidades como nas edições anteriores.

E' de arimo leve e despreocculadamen'e como que a brincar e em a penna, que empunho a dita para levar a cabo a tarefa costumeira.

E sabem porque? Porque já não me pês sobre a cabeça a espada de Hamlet de uma certa convenção grammatical, que me entibiava o espirito e me sustava o fluxo das idéas.

E' o caso que o Sr. R. de Arrada, um dos luminares da philo'ogia em nossa terra, veio á imprensa dizer em alto e bom som que a regra da collocação dos pronomes pessoais não ponde ainda ser applicada em leis fixas e invariáveis na maioria de seus casos de applicação, e com uhi seu illustre collega affirma que tal applicação é muitas vezes determinada pela harmonia, pelo ouvido e pela emphase.

Mal sabe o respeitado grammatico da Academia Cearense o serviço, que me prestou: — esses malditos pronomes pessoais eram os callos, a espinha do garganta, a dor de dentes, o genio máo, o pagadello e até mesmo a dor de barriga da minha chroniqueira e corriqueira penna.

Ahi que grande alivio sinto agora!

Não havendo para a collocação dos arnegados pronomes leis fixas e invariáveis, e sendo muitas vezes a mesma determinada pela harmonia, pelo ouvido e pela emphase — fica a casa quieta com a gente dentro e já não ha motivos para pendurças.

Eu que, como o Dr. Farias Britto, em cuja defeza sahio-se o Sr. Arrada, já tenho apanhado da critica por causa dos amaldiçoados pronomes, agarro-me a esta solução e eleva-a acima da cabeça como um para-raios contra futuras accusações.

Sendo a questão de harmonia e de ouvido muitissimo relativa e variavel do individuo a individuo, desaparece completamente o direito de increpação por parte da critica, e quando mesmo algum remtente não esteja pelos autos, é a gente armar-lhe em cima com a emphase — esse pocie de gladio alexandrino a cujo guiao não resiste o mais apertado nó gordio grammatical.

Exemplifiquemos com a seguinte phrase colhida algures:

«E' tão raro, tão extraordinario que em nossa terra *congreguem-se* os seus espiritos superiores etc.»

Analysem-nas e digam o que pensam das palavras, que vão gryphadas.

Acham que elles infringam os preceitos da harmonia? que produzam sensação irritante nos tympanos do ouvido?

Pensam isto? Ah! Santa ingenuidade! Pois os senhores não estão vendo que aquelle *que seguiu* de *congreguem-se* é motivado pela emphase?

Fiquem certos de que não pode haver erro de collocação de pronomes desde que a phrase seja dita em tom emphatico.

O mais é conversa de gente que não merece a classificação de *espiritos superiores* e que não vive á sombra do trabalho e ao sol das idéas, sem as *luzes* *atravessadas* e *impertinentes* da *luz* *luminosa* *neheira*.

Nós, todos que viviamos sob o juizo ty-

rannico da collocação dos pronomes pessoais, gritemos a pleno pulmão:

Viva a Enphase Viva o Ouvido! Viva a Harmonia!

E por falar em harmonia, falemos da matinee do Rayol.

O grande salão das sessões da Assembléa, onde durante alguns mezes do anno treveja patrioticamente a rhetorica legislativa, nem merecia compensação de sentir no seu ambiente as variações da musica.

Toilettes encantadoras, como aves de radiosas plumagens, pousavam pelas bancadas, fracs elegantes se agrupavam por todos os lados, e ao centro, sobre o estrado ex-presidencial, viam-se o piano e o estajo dos violinos e as estantes das partituras.

Uma luz branca e viva alagava o salão; leques, palpitavam céleres; joias figuravam; boccos sorriam para ocos distantes; rosas sangravam nas papellas, e fora, através das gelosias, pompeavam-se trechos de paesagens — torres brancas, fôrmas gaeas, nesgar azues de mar-seiros brancos de dunas longinquoas...

N'aquelle meio suggestivo, a gente sentia a alma aberta para o fôrto ideal dos sons, que dentro em pouco cania dos labios dos cantores, das cordas do violino e do teclado do piano.

Era a primeira vez que ouviamos o Rayol depois do seu regresso da Italia, e com prazer notamos que a sua poderosa e sympathica voz esta agora mais doce, mais flexuosa, mais rica de tons medios, mais crystallina nos agudos, mais acochoada nos graves.

Um grande tenor, capaz de agradar a um assignante das temporadas de Bayreuth, eis como nos chega Rayol da sua viagem a Italia.

Luiza Leonardo, que com elle cantou o dueto do *Guarany*, fez-o deenciosamente com quanto o volume da sua voz não seja consideravel, eua canta com graça, com alma e sobretudo com todos os preceitos da technica musical.

Fastimariamos muito não a ter ouvido num solo de piano — que eua toca maravilhosamente — si outro fosse o piano do concerto.

Naquelle que que lá estava e em que o Vicente Gomes se por um milagre do seu talento conseguia fazer com agrado os acompanhamentos — não desejavamos ouvir a insigne pianista.

Peret, Silva, Aboe e os demais auxiliares do Rayol timbraram em tornar a festa o encantador passatempo, que ella foi, e que deixou em todos os espiritos uma como escoria luminosa de impressões gratas, de reminiscencias alegres a potvnharem de luz a cinzenta pasmaceira da nossa burguezissima vida provinciana.

E agora consintam que mude de tom e de penna para tecer uma palavra de saudade a memoria querida de Livio Barretto, desse pobre poeta tão novo e tão talentoso, que a fatalidade, num gesto brusco e cruelissimo, impelliu para a voragem do tumulto sob um dinivio de lagrimas amigas. Essa estrella, que tão superiormente brilhava na constellação dos nossos talentos, apagou-se de chofre para vir illuminar dolorosamente esse recanto negro

dos nossos corações, essa intima necropolis onde guardamos piedosamente a memoria dos irmãos, que cahem nos combates da vida.

Desgraçada creança!

MOACYR JUREMA.

Vorrei Morire

Vorrei morire!... Enternecida e doce canta uma voz ternissima e sentida, e ou flico-me a seismar, meiga querida, como se teu aquelle canto fosse

Vorrei morire!... Que vago som tristonho esse que a brisa rumorosa e vaga transporta á longa e encantadora plaga onde habitamos, meu amor, em sonho!

Vorrei morire!... Que musica dolente essa que geme langorosamente acompanhando uma canção sonora...

Vorrei morire!... Purissima e suave lembra o gorjeio limpido de uma ave que vae trinando pelo azul em fôrto...

(Das — *Vagas*)

Ceará — 1895.

SABINO BAPTISTA.

«Cartas Litterarias»

De todas as injustiças que o Sr. Caminha faz a *Fome* a que mais me doeu e me revoltou mesmo foi a *falta de coherencia* nas scenas que descrevo.

Tenho consciencia do contrario; percorri, os abarracamentos, ouvi com grande attenção e piedade as narrativas dos infelizes famintos e assim julguei ter photographado no meu livro, não todos os episodios d'essa angustiosa epoca, porem os que julguei mais extraordinarios sob o ponto de vista das misérias humanas.

Esse assumpto tratado por Alencar, Aluizio ou Guerra Junqueiro daria paginas admiraveis de estylo e verdade, diz o meu critico.

O meu amor proprio nunca cogitou de elevar-me ás grandes alturas onde patraem as aguias. Não foi a ambição de glorias, de renome que me fez escrever a historia da secca, mas a necessidade de deixar escriptas algumas informações d'esse tempo aos nossos posteror.

A minha envergadura é pequena para alar-me ás cumeadas onde estão Alencar, Aluizio e Guerra Junqueiro, e sei que descrevendo a secca elles dariam paginas de melhor estylo, de mais arte, porem de mais verdade, a minha consciencia diz que não. Talvez mesmo os arroubos do genio os fizessem sacrificar a verdade das scenas á belleza da arte. Alencar cahiria no lyrismo; Aluizio, como certos coleopteros, deixaria sua penna emborber-se somente nas podridões do corpo e na gangrena moral, que corrompiam a população flagellada; e Guerra Junqueiro, e creveria

um poema tão tragico que tocaria ao maravilhoso.

O Sr. Caminha chasqueia dos amores de Edmundo com Carolina e da presença do P.^o Clemente, á inesperada, sem a minima logica etc. »

Julga o meu critico assim porque suppõe que todos os padres, que assistiram á secca em Fortaleza e no sertão, eram da biola d'aquelle padre seccado do *Retirante* de Jos.^o do Patriocínio.

O P.^o Clemente não é um typo imaginario. Sr. Caminha, mas um personagem real que se atron á luta com o flagello com uma sublime abnegação. Durante a variola passava os dias e as noites nos lazaretos, e quantas vezes, para ouvir de confissão os moribundos, deitava-se no chão no lado d'elles suportando com raro estoicismo o fedor, que sahia d'aquelles infelizes apodrecendo em vida!

Foi nos lazaretos, n'esses tremendos dias de luta, que o P.^o Clemente conheceu o velho Freitas e Carolina.

A dedicação da moça serranega pelos pais despertou a attenção do padre.

Interessou-se por ella e sabendo das intenções eumtuosas de Simeão de Arruda fez-se o seu anjo da guarda.

Quero que fosse o romancista no dizer do Sr. Caminha, o autor d'A *Normalista*, por exemplo, a scena teria sido outra; — Carolina teria sido rapta e prostituida pelo padre etc, etc. A falta de logica na scena critica e porque, no entender do Sr. Caminha, um homem não pode dispensar protecção a uma mulher nova e bonita sem *arriê-re-pensar*.

Diz o meu critico á pag. 143:

« O romancista deve ser logico e coherente, qualidades estas que faltam ao operoso industrial. »

Estamos de perfeito accordo.

Na apreciação ligeira que fiz da « Normalista » notei falta de logica e de coherencia, mas provei isto a saciedade, enquanto que o meu critico limita-se a nolar estes defeitos na *Fome*, porem sem prova-los.

Não é só dizer ex-cathedra: — este livro não presta, este estylo é fronxo, esta scena é falsa; desde que a prova não acompanha a asserção, a critica deixa de ser judiciosa para ser banal, insensata.

Diz o Sr. Caminha á pag. 143:

« Aquelle accordar de Manoel de Freitas, no sertão, depois de uma luta inglória contra os rigores da secca, que começa forte, nada tem de verdadeiro. »

Agora um ligeiro lançar de olhos sobre os typos de emigrantes, Freitas da « Fome, » e Mendonça da « Normalista. »

O « confront » é fastidioso, bem sei, para os que conhecem os dois romances, porem faz-se necessario aos que leram somente a « Fome » ou a « Normalista » e vice-versa.

Quando se declarou a secca de 1877 Manoel de Freitas era creador no alto sertão e sua fortuna constava de gados, terras, escravos, joias e algum dinheiro.

Poucas semanas de sel abrasador bastaram para torrar os campos e seccar as fontes.

Freitas reúne todos os elementos de que dispõe e arca contra o flagello. Abre caixinhas, deita rumo nos rebanhos, mas baldados são os seus esforços, os gados emmagrecem, e a fome e a peste os disimam de um modo assombroso! Conscio da grandeza do mal e da nullidade de seus esforços abandona no flagello as poucas rezes, que restavam e trata de salvar-se com a família.

Nada mais possuía a não ser terras, seu valor no momento, escravos e algumas joias. Nem cogitava em abandonar o seu querido sertão.

O anno de 1878 estava proximo e com elle viria o inverno. Devia esperar a nova estação, mas para isso era preciso dinheiro e as obras de ouro que tinha vendido aos usurarios mascares a 500 reis por quatro grammas de ouro de lei mal dariam para manter-se com a família durante uma quinzena.

Vendeu todas as joias para comprar farinha de mandioca a mil reis o litro, excepto a Cruz do Santo Lenho.

Um dia pela manhã pediu a mulher algum ouro para vender e Josepha trouxe-lhe o talisman da família.

Freitas recebeu tremulo o crucifixo, que tinha chegado até elle como herança de cinco gerações successivas.

Beijou a sagrada reliquia, depois abriu os colcheteos do grosso cordão de ouro e fechou-os deixando o pescoço dentro d'elle. Soara a hora extrema; o tempo das prostrações estava esgotado. Era preciso emigrar enquanto a travessia era praticavel: mas era tambem necessario viveres para a viagem e só havia para obter os a Cruz do Santo Lenho e os escravos, alguns vellos seus companheiros de infancia e os dedicados, seus auxiliares em quasi meio seculo de trabalhos!

Freitas estacou espavorido deante da verdade tremenda, da mais angustiosa situação: ou morria de fome com a família ou vendia a Cruz e os escravos.

Recolheu-se um dia inteiro e levou a meditar com o espirito toda a fundura daquelle enorme abysmo, sentindo no coração estalar de agonia uma por uma suas fibras todas!

Quando sahia do horto tinham-se-lhe secado as lagrimas e o instinto da conservação lhe anestesiara n'alma todos os sentimentos de piedade!

Estava traçada a sua linha de conducta. Vendeu a Cruz, e mandou os escravos para a Fortaleza por um seu parente afim de serem vendidos.

O producto da ultima joia empregou e a viveres dos quaes tirou uma parte para alimentá-lo, dos captivos em viagem e o resto recolheu á despesa. Desde esse dia fez-se o dispensario.

Dividiu os generos em trinta rações. Um mez era o prazo prorrogavel para a volta do parente com o producto dos escravos.

Foi esse um dos periodos mais angustiosos da vida de Freitas. A mulher, inconsciente, extranhava-lhe o ar melancolico e a usura com que dava alimentação á família.

Por vezes exprou-lhe a mesquinha pondo migalhas debaixo de chaço, e tinha o silencio d'elle como resposta.

Da grandeza de animo de Freitas

dependia somente a salvação d'elle, de sua mulher e de seus filhos.

Esgotou-se o prazo e o parente não voltou de Fortaleza.

Freitas prorogou por mais quinze dias o tempo de espera.

Durante essa quinzena não morreram de fome porque foram soccorridos pelos poucos parentes, que estavam no lugar.

Mas em breve esses recursos escasseariam, faltariam mesmo pois todos pretendiam sair.

Resolvida a partida para Fortaleza, Freitas uma manhã orou a sua mulher de um modo secco e austero que se preparasse com os filhos para emigrar. Não justificou a sua resolução, ordena e quer ser obedecido.

E' esta scena que meu critico acha ridicula!

Ridiculo era se Freitas, cuja responsabilidade era enormissima n'aquelle momento, enorasse, exclamasse, acovardando ainda mais a mulher, a filha moça e as crianças.

Diz o Sr. Caminha:

« Com que indifferença o honrado pai de família, o velho Freitas profere aquellas palavras, elle que amava tanto as suas terras, sua mulher e os seus filhos! »

O meu critico aprecia mal o sentimento que dominava o coração do velho sertanejo no momento mais critico de sua desgraça: elle não era um indifferente, era um estorço, era um esforço!

Adiante diz o Sr. Adolpho:

« Eu, no caso d'elle se não perdesse o juizo antes de tomar qualquer resolução, esperaria mais, ainda mais, providenciaria com antecedencia afim de estar prompto a qualquer tempo, prevenindo-me para o que succedesse, e ao resolver definitivamente abandonar o sertão com toda a sua inclemencia, com todas as suas desgraças, fallou succumbido de dor, porque alli deixava enterradas as miúdas esperanças, o niez suor e as lagrimas benditas de meus dias de felicidade. »

(Continua.)

RODOLPHO THEOPHILLO.

12 de outubro

Tarde de outubro; as leves caravellas.
Em direcção ás bandos do occidente,
Deslisam magestosas, brandamente,
Soltas ao vento as alvejantes velas.

Vão devagar... impavidas e bellas!
E sempre o mar sem fim, ora plangente
E manso, ora agitado fortemente
Pela furia medonha das procellas.

Oceano e céo. Colombo espera ainda...
Entanto, embaldo á superficie infinda
Das aguas volte ansiosamente o olhar...

Quando o gageiro, de alegria louco,
Grita da gavela: Terra! E pouco a pouco
Surge a terra longinqua á flôr do mar.

ANTONIO DE CASTRO.

Bibliographia

BRASÕES POR H. LOPES. — Acabamos de virar a ultima pagina deste livro, e todos os nossos nervos estão a vibrar deliciosamente.

E' que os dedos afilados e brancos da Musa de B. Lopes estiveram durante uma meia hora a nos deleitar o ouvido com as notas vivas de seu bandolim de princeza e de bohemian.

Exquisite e delicado poeta o B. Lopes! Os *Brasões* poderiam deixar de trazer na capa o nome do auctor sem que ninguém lhes attribuisse falsa paternidade. Todo o verso que sahe da penha deste fino artista traz um cunho tão profundo e tão nítido de seus processos metricos que não se pode confundir com outros de quem quer que seja.

Não é pela idéa que B. Lopes se avanta e se distingue; os seus versos ás vezes pecam mesmo pela falta de idéa. Exteriorista como Gautiere-Banville, elle põe de parte as abstracções psychologicas, as cogitações moraes, para só se comprazer na contemplação das bellas formas plasticas desnudadas e palpantes ou revestidas de sedas e velludos, estrelladas de joias, adornadas de flores, tresandantes de aromas.

Seduzem-no particularmente os attavios custosos e elegantes, os costumes da alta roda, as cousas do *sport* e da galanteria.

Inverno, uma das suas mais trabalhadas e formosas composições, pode servir de caracteristico da sua *maneira* artistica. Imaginando-se um «scandinavo principe janota», cereza-se o poeta de um gruppado *touristes*, elegantes, e a vida que então leva, «entre a graça de nove ou dez mulheres» de diversos paizes, elle não a descreve em versos de uma feitura finissima, esmaltados de imagens rutilas e sonorizadas de rimas imprevistas e raras.

Lê-se B. Lopes numa continua successão de surpresas como quem contempla as mutações de um caleidoscópio: as imagens e as rimas vão surgindo de chofre, qual mais caprichosa, qual mais deslumbrante.

Os *Brasões* são um desses livros cuja leitura ninguém pode interromper: lida uma peça, desce-se ler a seguinte e mais uma e mais outra até esbarrar com o indice. Ah! chegando, dá vontade de ler esta ou aquella composição cujas bellezas mais nos encantaram.

E outra cousa: por mais que se esteja habituado a leitura mental, comprehende-se a gente a ler B. Lopes em voz alta, porque a riqueza de sua rima e a transcendente harmonia de seu metro precisam da vocalização para que resultem mais vivamente e mais fundamente possam ser saboreadas.

Que delicia dizer-se um de seus sonetos cujos versos são como «as pausas iguaes de uma gaiola», donde, argentina e clara, irrompe aqui e ali a nota aguda de um canario alegre!

Ah, B. Lopes, meu amigo, deixa que um fanatico do bello e sonoro verso te abraçe e te agradeça o alto prazer intellectual, que lhe proporcionou a lei-

tura dos seus versos — nobilissimos brasones que te farão figurar sobranceiramente entre a mais pura aristocracia do talento!

M. J.

« OS CHROMOS »

Xavier de Castro

(CARTA ABERTA AO SABINO BAPTISTA)

Eu sempre tive para os singelos sonetinhos do Xavier de Castro, encimados pelo distico de *Chronos*, um louvor que era todo da alma, guardando commigo mesmoo, como a esperança do vel-o um dia um poeta nacional, na accepção mais lata da palavra.

Nacional elle o era e muito.

Em todos os seus chromos, exponents, sem os apertões dos versos burilados até ao doentio, ha sempre um riso brinçalhão e franco, saltitando em torno d'uma scena muito a cearense, apanhada ao natural.

E' esse, para mim, o seu principal valor.

Já Goethe, o grandioso poeta allemão, tinha avançado que a poesia antes de tudo devia ser humana e social, sem contido, abandonar o sentimento — *alma-mater*, — não o sentimento piégas ou hypocrita, soluçando agurras, que a imaginação creou...

D'ahi a impossibilidade de o romantismo nos poder agradar, hoje em dia.

Assim parece ter comprehendido Xavier de Castro, entregando-se ao estudo dos costumes e prestando um bello serviço aos vindouros.

E' de uma visão facil, que apanha as saliencias do quadro, tudo o que nos possa tocar de mais proximo a attenção, sem nunca se tornar aborrecido, o que equivale a dizer que é preciso e conciso.

As faullas e as particularidades de uma vida tão simples e tão constante como a d'aquelles que andam delineados nos graciosos versos de Xavier, — bem monotonas para um entreccho de romance natural á feição dos mais puros, que o podem ser todos os da forca de *Pierre et Jean*, ou mesmo *Notre Cœur*, — têm um interesse e um encanto, um sabor á parte, um que de fino e encantadoramente agradável n'um *chromo d'après nature*, distico que Castro podia collocar sob os seus, sem medo de contestação.

Um observador que ande entresachando as suas impressões e que saiba passal-as tal qual as recebeu, é um pintor a delinear a curvatura macia e olente de uma flor, o adelgado molle de uma sua esguia ou bamboleannte, ferindo-nos tão de prompto os olhos como impressionando-nos o cerebro e convulsionando-nos a alma.

E por isso creio bastante na vida duradoira das obras de Zola — que por si só constitúe uma epocha, — do galante Guy de Maupassant, do singelo e encantador Alphonse Daudet e do frio e impassivel dissecador

Paul Bourget; e quasi descreio da longevidade das de Loti, quando acordar o gosto pelo exotico, em que Bernardin de Saint-Pierre ja embalou deliciosamente a alma franceza como a universal...

Atraz d'elle, porém, cerrou-se a porta da posteridade para esse genero.

E as artisticas obras de bijouteria que a florida e munosa penna de Loti tem espalhado, hão de quebrar-se, não resistirão ao traquinas tempo, por isso que são de *biscuit*...

Continuando, direi que Castro, por diversas circunstancias se me afigura um pintor: em primeiro porque só descreve o que vê, servindo-se do local do acontecido, em segundo porque não perde as cores do que o impressiona e astraça como são, fazendo-nos palpar as narinhas, como si até o orgão do olfacto tivesse inteiro conhecimento do que se descreve...

Cada um dos *chromos* é um quadro da vida cearense, é um episodio traçado em versos ligeiros, que revelam o menor esforço intellectual, si o houve.

Parece mesmo que cada um d'elles lhe brotou da penna, como brotaram dos labios em uma occasião opportuna qualquer, para essa creencia concorrendo até a rjeza de certos versos e a imperfeição de outros.

Não o condemno por isso, ainda que a minha opinião sobre a poesia moderna seja o casamento completo da ideia larga com a forma escolhida, fina e admiravelmente trabalhada occultando, contudo, todo a qualquer esforço intellectual.

Mas se fomos a exigir sempre isso para um *chromo* á feição dos de Castro, era como si exigissemos para todas as telas a mesma harmonia de cores, o mesmo azul tranquillo de um céu extenso e silencioso, ou lavado de scintillações fulvas de um ardente sol de verão.

De resto, eu penso como Guy de Maupassant, no magistral prefacio do seu romance *Pierre et Jean*, que uma vez que nós nos pouthamos no papel de criticos, a nossa escola outra não é do que a adoptada pelo auctor que criticamos.

Assim, só nos restará provar si o auctor sahio-se bem ou mal da sua empreza, ao vivo, sem deixar a menor duvida.

No caso presente só temos que dizer bem e muito bem.

Eu disse que os *Chronos* de Castro, comquanto scenas, ou antes, por serem scenas apanhadas ao natural, não admittiam a bitola estreita da poetica moderna, cheia de exigencias a mais não haver o que exigir.

Para exemplificar passemos ligeiramente a vista por sobre o *chromo*.

DEPOIS DO BANHO

O sol ha pouco surgira:
Ella vinha do quintal...
Assustou-se mal o vira
E occultou-se no avental...

De rosa, de seda e neve
Seu collo d'alvo frascor
Molhadinho assim de leve...
— Era em neblinas a flôr...

Elle lha disse: — Que alvura...
Nunca vi manha mais pura...
Tanto amor... mais luz n'Aurora!

Ella nas murtas pisando
Lhe disse rindo e corando:
— Nem tem graça!... Vá-se embora!

Quanta naturalidade! Quem conhece a mulher nortista, aquella que vive a vida simples e encantadora dos sertões, sabe quanto é natural essa resposta, e o que de bregeira maliciosidade ella revela...

Isso emquanto á naturalidade da scena, mas emquanto á forma, ao sonetinho, não era sem algumas relutancias que qualquer um dos esmerilhadores das rimas havim de assignalar, considerando que os da segunda quadra differem inteiramente dos da primeira.

Mas nem a todos os *chromos* de Castro podemos attribuir tal falta e aos que podemos fazel-o são em numero diminuto.

A qualidade inherente á todos é a naturalidade e a alegria saltitante e communicativa.

A linguagem de que se serve nos seus *chromos*, outra não é que a exigida pela verdade da scena e o que a muitos parecerá celeito, não é mais do que o muito amor que elle votava a tudo, que fosse sincero e real.

Mas a Morie é cruel e nada respeita: tem o poder absoluto da forca que triumpho sobre tudo, demolidoramente.

Roubou á *Padaria Espiritual* um dos seus mais distinctos *padeiros*, desfalcando o Brazil de um dos seus mais promettedores talentos.

Foi muito rade o golpe vibrado no coração dos *padeiros*, bem o sei, como o foi ao coração de todos aquelles que se interessam pelo progresso intellectual da Patria.

Mas para gloria do nome do indito-so Xavier de Castro, meu caro Sabino, n'um lance de heroismo, não poupan-do sacrificios para hemdizer-lhe a memoria, como o poeta

« Fazemos nectar divino
D'essas gottas d'amargor,
De cada gemido — um hymno
De cada espinho — uma flôr;

Do confrade etc.

MANOEL LOBATO.

Rio, — 25 — 8 96.

O aroma e a cor da Rosa

A ANTONIO SALLES

Laura passeiava, bella e radiante,
Por entre flores, em manha radiosa.
— E o Cravo disse: «Que mulher formosa!
— E a Violeta: Como é tão galante!»

Laura saudou-as, grata e carinhosa,
Com sorrisos de moça triumphante;
Porém dissera: «E triste e revoltante
Não ter perfume e não ter cor a Rosa»

E uma colhendo, á bócea purpurina
Levou — pequena concha do Oriente
Pondo-lhe um beijo... Teve aroma a flôr.

Depois, com duro espinho, a branca e fina
Epiderme picou... E o rubro e quente
Sangue na Rosa foi deixando a cor.

AVELLAR FILHO.

VIOLA

Viola, minha viola,
Nas tuas cordas dobradas
Noite e dia toco e canto
Cantigas apaixonadas.

E' meu destino a viola,
Qual meu destino o cantar...
Viola, minha viola,
Viola que sabe amar.

Quando aponta a estrella d'alva
O toque d'esta viola
E' tão meigo, tão suave
Que as dores d'alma consola.

E á noite quantos suspiros
Em desalago ao penar!...
Viola, minha viola,
Viola do suspirar.

Ai, quando larges o trabalho,
Te reclinas no meu peito;
Pois nas horas do romance
E' elle sempre o teu leito...

E quantas, quantas caricias
Esposa terna o leal!
Viola, minha viola,
Viola, não tens rival!

Si á festa vamos, que enlevoas,
Que delirio o mais ardente,
Que ao povo todo enfrebrec...
Quissi louca torna a gente!...

Ninguém nos vence no côco.
Muito menos no balão...
Viola, minha viola,
Viola d'uma função!

Mas se as penas me visitam,
Quem vem curar-me o desgosto?
Quem me alivia a saudade
Do coração ao sol posto?

Quem meu espírito conforta
Nas calmarias fátas?
Viola, minha viola,
Viola, teus doces ais!

Pois, quantas vezes na vida
Tu me salvaste da morte...
Pois, quantas vezes perdido
Tu me apontaste o meu norte!

Quantos carinhos e mimos
Que só eu posso entender!
Viola, minha viola,
Viola do meu viver!

Então, ó minha viola,
Já não sorris prasenteira
Que são horas de infortúnio...
Quanta angustia verdadeira!

Como gemos e soluços,
Quando soluço a carpir!
Viola, minha viola,
Viola do meu sentir!

E que segredos se escapam
Do teu seio na toada,
Como os perfumes do matto
Ao despontar da alvorada...

O pranto rola nas cordas
Como os orvalhos na flor...
Viola, minha viola,
Viola do meu amor!

E por isso não te esqueço,
Oh companheira querida,
Que és a minha confidente,
O meu consolo na vida!

Quando eu morrer q' me enterrem
Contigo no frio chão!
Viola, minha viola,
Viola do coração!

(Da *Lyræ Coenense*.)

JUVENAL GALENO

THEATRO

Continua a Companhia Vasconcellos & Silva a nos proporcionar boas e agradáveis noites de diversão com seus magníficos espectáculos. Sentimos que o espaço nos seja tão limitado e que não nos seja permitido tratar detalhadamente de todas as representações da quinzena, mas embora resumidamente vamos externar as impressões, que ellas nos deixaram.

Começaremos pela *Niniche*, opereta que já conhecíamos mas que foi para nós uma verdadeira surpresa. Nunca no Ceará o gracioso *caudeville* teve tão cabal desempenho, que nos conste, e foi tão bem interpretado.

A Sra. Luiza Leonardo, uma das artistas mais conscienciosas, que têm pisado o palco do S. Luiz, teve um verdadeiro successo no papel de condessa de Cornski.

Cremos mesmo que se a laureada Judic, que foi a credora de *Niniche*, em cujo papel se celebrou, chegasse a ver a distincta e intell gente atriz brasileira interpretar com tanta alma e tanto vigor de expressão o difficil papel da celebre cocotte, certamente havia de reconhecer: n'ella uma nobre emula da sua extraordinaria criação.

Quem viu Leonardo na *Niniche* e depois na *Joanna Ferraz* ha de convir que ella não é uma artista vulgar, uma artista commum.

Sobre o valor litterario desta ultima peça devida a penna intelligente de Moreira de Vasconcellos muito teriamos a dizer se o espaço nos o permituisse; deixamos porém de parte o valioso trabalho do auctor de *Tiradentes* para nos occuparmos de seu desempenho.

Todos os que foram ao S. Luiz voltaram convencidos de que a Sra. Luiza Leonardo dispõe de uma tina sensibilidade artistica e de uma poderosa força para o tragico e para o dramatico. E' admiravel a expressão que ella deu ao papel de adúltera vacillante entre a seducção e o remorso de praticar o crime.

De todos os papeis em que temos assistido a eximia atriz brasileira trabalhar podemos dizer que *Joanna Ferraz* é a sua melhor criação.

Manda a sinceridade que destacamos aqui o nome do Sr. Peret, um dos artistas de mais futuro da Companhia. Quanto ao Moreira de Vasconcellos e Silva seria ocioso dizer que se porta-

ram com uma correção digna de qualquer elogio em ambos os espectáculos a que nos temos referido.

A espirituosa comedia de França Junior *Como se fazia um deputado* teve desempenho o mais completo possível. O mesmo succedeu com a *reprise* dos *Recoltos* e a representação do *Conde de Monte Christo*, drama de grande effeito e que está montado com muitissimo apparato, dispondo de um rico e opulento scenario do distincto scenographo e actor Eugenio de Azevedo. Toda a companhia tinhrou em agradar ao publico, que encheu litteralmente o theatro, e a execução do apparatuso drama tirado do emocionante romance do A. Dumas teve uma interpretação esplendida.

O Peret portou-se com uma correção na altura dos maiores e mais francos applausos no difficil papel do *Abbo de Furtas* e as Sras. Luiza Leonardo e Julia Goubert, Moreira de Vasconcellos, Silva, Tito, Azevedo e os demais artistas saíram-se perfeitamente bem.

Deixamos de parte a *reprise* da *Niniche* para dizermos duas palavras sobre o *Diabo na Bequia* e a *Pastora de Iery*. Esta primeira peça é uma revista de costumes bahianos escripta com muito humor, com espirito fino e subtil.

De começo a fim correu a representação entre palmas e applausos, e toda a plateia esteve em uma gargalhada continua.

Tanto Luiza Leonardo como Julia Goubert, Moreira de Vasconcellos, Peret, Silva, Azevedo e outros artistas da companhia deram a mais completa interpretação aos muitos papeis que representaram, e a orchestra a cargo do Rayol esteve adoravel.

A mesma coisa podemos dizer da *Pastora de Iery* onde Luiza Leonardo mostrou mais uma vez o seu grande e bello talento artistico.

E' admiravel a expressão, a força que ella dá ao papel de Aíncé no bem acabado drama d'Ennory.

Para hoje está annunciado um variado e attrahente espectáculo em beneficio do distincto artista Tito Livio. Será levada á scena a comedia portugueza *O Garoto de Lisboa*, cujos intervallos serão preenchidos de monologos recitados pelos Srs. Peret e Azevedo e canções cantadas pelo Sr. Abbo, tenor da Companhia.

Terminará o espectáculo com o duetto do *Guarany* cantado pelo Rayol e Luiza Leonardo, e isto é o bastante para imaginarmos a agradável noite que vamos ter hoje.

Fechamos estas ligeiras linhas com uma noticia agradável: Moreira de Vasconcellos tem bastante adiantado um esplendido drama lyrico, intitulado *Tracena*. Este moderno trabalho do operoso e incansavel auctor do *Tiradentes* e do *Joanna Ferraz* é de um grande effeito e de um alto valor, podemos garantir pela leitura a que assistimos do seu primeiro acto. Com muita felicidade transplantou Moreira de Vasconcellos para o seu drama todas as passagens mais interessantes da encantadora e poetica lenda de José de Alencar, passagens estas que o Rayol temornado de bonitos numeros de musica.

Prepara-se o publico para applaudir mais esta peça do distinguido auctor e actor brasileiro.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCÁ, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: —Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras,) rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENNORRAGICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alveão e conservão os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Cedrá.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, móveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTA ESTADO

Joias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algibeira, inglezes, americanos, suissos etc, etc, **Relógios** de pulso e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetas** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAIOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de bom gosto não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguiar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *démou-selle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam no **AGUIAR**.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 46.